

cinemateca

SETEMBRO 2019



JORGE DE SENA E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN EM CORRESPONDÊNCIA - JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ / SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN: SIRVO PARA QUE AS COISAS SE VEJAM LUZ E ESPECTROS - CINEMA DE WEIMAR 1919-1933 | CENTENÁRIO DE JENNIFER JONES | QUEER LISBOA 23 | HOMENAGEM A ROBERT KRAMER | CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SMALL CINEMAS IMAGEM POR IMAGEM (CINEMA DE ANIMAÇÃO) | CINEMATECA JÚNIOR | CINEMA NA ESPLANADA

CINEMATECA JÚNIOR

Chega setembro, a Júnior está cheia de saudades vossas e espera que regressem a voar como os super-heróis que escolhemos para os sábados do mês.

Há heróis para todos os gostos: aqueles que voam com fatos justos de corpo inteiro e capa, os que lançam teias de aranha e se balançam pela cidade de Nova Iorque como se estivessem na selva a passear-se em lianas, aqueles que se reformam, casam e voltam ao ativo com mulher e filhos e também há aqueles que de heróis só têm o prefixo – falamos dos anti-heróis. A aventura e o suspense estão garantidos, com muitos poderes especiais à mistura, salvo no caso do nosso querido Harold Lloyd que, desprovido de *glamour* e superpoderes, sobe a pulso e sem rede um arranha-céus. Para o ajudar nesta luta desigual com concorrentes tão dotados, terá o piano ultravitaminado de Catherine Morriseau, tocado ao vivo durante a projeção. No dia 28 de manhã, vamos dar vida a silhuetas de cartolina e fazê-las mexer e porque não, voar. Trata-se de mais um superpoder, o das técnicas de cinema de animação.

▶ Sábado [7] 15:00 | Salão Foz

SUPERMAN

Superman, o Filme
de Richard Donner

com Christopher Reeve, Margot Kidder, Gene Hackman

Estados Unidos, 1978 – 142 min / legendado em português | M/12

Superman nasce como personagem de banda desenhada em 1933, pela mão de J. Siegel e J. Shuster, sendo o primeiro livro publicado na DC Comics em 1938. O planeta Krypton está a ser destruído por uma terrível catástrofe e o cientista Jor-El, com o intuito de salvar a própria espécie, envia o filho ainda pequeno – futuro Superman – para a Terra. Acolhida pelo casal Kent, a criança cresce ignorando a sua origem e escondendo as suas extraordinárias capacidades. Ao tornar-se jornalista em Nova Iorque toma conhecimento de todos os crimes da cidade e põe o seu alter-ego em campo. O homem tímido e desajeitado transforma-se num super-herói de fato azul, botas e capa vermelha, com o S de Superman ao peito. É seguramente o mais icónico dos filmes “Super-homem”, com Christopher Reeve no papel do fantástico Superman, Margot Kidder como Lois Lane, Gene Hackman no papel do terrível Lex Luthor e Marlon Brando como Jor-El. A apresentar em cópia digital.

▶ Sábado [14] 15:00 | Salão Foz

SPIDER-MAN

O Homem-Aranha
de Sam Raimi

com Tobey Maguire, William Dafoe, Kirsten Dunst, James Franco

Estados Unidos, 2002 – 121 min / legendado em português | M/12

Spider-Man é uma das personagens mais conhecidas da banda desenhada da Marvel. É um herói do qual já ouvimos falar muitas vezes: Peter Parker, estudante tímido e desajeitado, apaixonado pela bela vizinha Mary, vive nos subúrbios de Nova Iorque e leva uma vida tranquila, até que um dia, numa fatídica viagem a um laboratório científico, é picado por uma aranha geneticamente modificada. Isso dar-lhe-á poderes extraordinários... Mas com eles, como diz o seu tio, virão grandes responsabilidades e Peter Parker promete usar tal força para combater o crime.

▶ Sábado [21] 15:00 | Salão Foz

THE INCREDIBLES

Os Incríveis
de Brad Bird

Estados Unidos, 2004 – 115 min / dobrado em português | M/6

Há anos que a atividade dos super-heróis caiu em desgraça e estes vivem agora vidas pacatas e anónimas, impedidos por lei de dar uso aos seus superpoderes. O Sr. Incrível, outrora o maior

herói do planeta, adapta-se com dificuldade ao emprego numa companhia de seguros, consistindo a sua principal batalha em lutar contra o aborrecimento e uma considerável barriga. A oportunidade de entrar novamente em ação surge quando um velho inimigo volta a atacar. Mas ele terá de contar com a ajuda de toda a família para vencer o vilão! A apresentar em cópia digital.

▶ Sábado [28] 11:00 | Salão Foz

OFICINA

REALIZAR UM FILME DE ANIMAÇÃO EM STOP MOTION

conceção e orientação: Teresa Cortez

duração: 2 horas | dos 6 aos 10 anos

Personagens feitas em papel podem ganhar vida? Para fazer um filme precisamos de quantas imagens? Nesta oficina vamos perceber como se faz um filme de animação, vamos construir uma história e animá-la a partir da técnica *stop motion*. Vamos animar várias silhuetas em papel tal como a animadora Lotte Reiniger! Marcação prévia até 24 de setembro para cinemateca.junior@cinemateca.pt.

▶ Sábado [28] 15:00 | Salão Foz

SAFETY LAST!

O Homem Mosca

de Fred C. Newmeyer, Sam Taylor

com Harold Lloyd, Mildred Davis, Bill Strother, Noah Young

Estados Unidos, 1923 – 70 min / mudo, com intertítulos em português | M/6

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR CATHERINE MORISSEAU

Um dos mais emblemáticos filmes da comédia do período mudo norte-americano, SAFETY LAST! é também uma das mais conhecidas “aventuras” de Harold Lloyd, mítico ator cómico lembrado pelos seus óculos de aros redondos e pelas proezas físicas que, no pico da sua popularidade, o equiparam a Buster Keaton e Charlie Chaplin. O filme de Fred C. Newmeyer e Sam Taylor viria a trazer uma das imagens mais icónicas deste período da história do cinema: Harold Lloyd pendurado no cimo de um prédio, agarrado aos ponteiros de um relógio, com o movimento urbano da cidade a passar por baixo das suas pernas. A apresentar em cópia digital.

EXPOSIÇÃO

de setembro de 2019 a fevereiro de 2020

salas dos Carvalhos, Cupidos, 6X2 | 14h30-19h30

CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

A acompanhar o Ciclo dedicado ao cinema de Weimar, a exposição patente nas salas dos Carvalhos, Cupidos e 6x2 apresenta um conjunto de índices visuais de alguns dos temas, características e elementos desse cinema.

▶ ÍNDICE

Cinemateca Júnior	2
Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen em Correspondência	3
Jorge de Sena, Cendrada Luz	4
Sophia de Mello Breyner Andresen: Sirvo para que as Coisas se Vejam	5
Luz e Espectros – Cinema de Weimar 1919-1933	7
Centenário de Jennifer Jones	10
Queer Lisboa 23	11
Double Bill	12
Melodramas / Histórias do Cinema, Post-Scriptum	12
Imagem por Imagem (Cinema de Animação)	13
Ante-estreias	13
Homenagem a Robert Kramer	13
História Permanente do Cinema Português	13
Inadjetivável	14
O Que Quero Ver	14
Com a Linha de Sombra	14
Conferência Internacional Small Cinemas	14
Cinema na Esplanada	14
Calendário	15

▶ AGRADECIMENTOS

Abi Feijó, Cláudio Jordão, Cláudio Sá, Carlos Cruz, Carlos Silva, Francisco Valente, Joana Imaginário, Joana Ponte, Jorge Cramez, Jorge Jácome, Luís Filipe Rocha, Luís Noronha da Costa, Manuel Matos Barbosa, Maria Raquel Atalaia, Margarida Gil, Moisés Rodrigues, Nelson Martins, Patrícia Figueiredo, Pedro Carvalho de Almeida, Raquel Felgueiras, Rita Azevedo Gomes, Rosa Coutinho Cabral; Marion Scemama, François Pain; António Costa Valente; Erika Kramer; Mário Jorge Torres; Isabel de Sena; Maria Andresen de Sousa Tavares; Comissão das Comemorações do Centenário de Sophia de Mello Breyner Andresen, Centro Nacional de Cultura; João Ferreira, Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro (Queer Lisboa – Festival Internacional de Cinema Queer), Wieland Speck, Andreas Sturck (Berlinale); Nuno Lisboa (Doc's Kingdom); Filipa Rosário (Small Cinemas); João Coimbra Oliveira (Linha de Sombra); Bruno Laet, Diogo Oliveira; Vavy Pacheco Borges (Guepardo Produções Audiovisuais); Marco Laureano (Cine-Reactor 24i); Hannah Prouse (British Film Institute); Maria Coletti, Laura Argento (Cineteca Nazionale); Tommi Partanen (Finnish Film Foundation); Maria Komninos, Phaedra Papadopoulou (Tainiothiki tis Ellados / Greek Film Archive); Justus Wörmann (Bundesarchiv); Diana Kluge, Anke Hahn (Deutsche Kinemathek); Stephanie Hausemann (Filmmuseum München); Patricia Heckert (Murnau Stiftung); Marleen Labijt (Eye Filmmuseum); Carmen Accaputo (Cineteca de Bologna); Eric Le Roy, Sophie Le Tetour (C.N.C.); Jön Wengström, Johan Ericsson (Svenska Filminstitutet); Todd Wiener, Steven Hill (UCLA).

▶ CAPA

MENSCHEN AM SONNTAG

de Curt e Robert Siodmak, Edgar G. Ulmer, Fred Zinnemann (Alemanha, 1929)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA



CINEMATECA PORTUGUESA
MUSEU DO CINEMA, I.P.

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema
Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa, Portugal
Tel. 213 596 200 | Fax 213 523 189
cinemateca@cinemateca.pt | www.cinemateca.pt

JORGE DE SENA E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN EM CORRESPONDÊNCIA

*...quase não há filme que não mereça ser observado, excluídos aqueles que é claro
repetem à sociedade o que já fora repetido noutros anteriores.*

Jorge de Sena, 1988

*A força dos meus sonhos é tão forte,
Que de tudo renasce a exaltação.*

Apesar das Ruínas, in *Poesia*, de Sophia de Mello Breyner Andresen

Figuras ímpares da nossa literatura, Sophia e Sena foram referências importantíssimas na vida cultural portuguesa, reflexo de uma época e de uma geração que testemunha também o modo como o cinema era recebido e divulgado.

Se se pode dizer que são múltiplos os mundos de Jorge de Sena e que múltiplos são os mundos de Sophia de Mello Breyner Andresen, também se poderá dizer que os seus mundos particulares são mundos muito diversos, porém, ligados por uma profunda amizade e por uma fortíssima coincidência de valores e princípios que sempre defenderam. Aliado aos seus universos, está o facto de terem sido entusiastas atentos da Sétima Arte e de terem considerado o cinema como uma arte essencial na representação e descoberta da vida, do Homem, da História, facto esse que se manifestou de modo diferente em cada um.

No caso de Sena, a sua postura crítica perante o cinema, assume-se como um reflexo da sua lúcida visão do mundo e da Arte. Sophia foi, por seu lado, uma referência fundamental no cinema português, tendo sido amplamente trazida para os filmes, bem como para a crítica e textos sobre cinema.

Ambos participaram nas “Terças-feiras Clássicas”, as históricas sessões organizadas pelo Jardim Universitário de Belas Artes (J.U.B.A.) que, procurando manter contacto com as grandes obras cinematográficas, eram acompanhadas e discutidas por personalidades relevantes da vida cultural, figurando nomes como Vitorino Nemésio, João Gaspar Simões, Adelino da Palma Carlos, Adolfo Casais Monteiro, Azeredo Perdigão ou Maria Lamas.

Em 2019, a celebração do centenário do nascimento dos dois poetas não ficaria completa sem uma justa referência à atenção que Jorge de Sena e Sophia dedicaram ao cinema. Assim, neste mês de setembro, a Cinemateca propõe dois Ciclos assinalando a relação por eles mantida com o cinema internacional, e a sua presença, ou alguns dos seus ecos, no cinema português, cinema este que, aliás, em muitas das suas vertentes é carregado de um profundo poético.

Abordando a correspondência epistolar entre os dois poetas e, através dela, o mundo que os uniu – e o mundo deles que há em nós... – o filme de Rita Azevedo Gomes, justamente intitulado *CORRESPONDÊNCIAS*, faz aqui a passagem entre os dois Ciclos.



CORRESPONDÊNCIAS

JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

“...acontece que o homem – se pode viver e criar abstrações – é pelo rosto e pelos seus gestos e pelo que ele com o olhar transmite, que podemos interrogativamente, incertamente, inquietantemente, angustiantemente, conhecer-lhe a vida.”

Posfácio a *Metamorfoses*, 1963

Jorge de Sena foi um cinéfilo, esclarecido e crítico. Na introdução à edição da Cinemateca *Sobre Cinema* (1988), que reúne os seus textos sobre cinema, Mécia de Sena salienta a influência cinematográfica na escrita de Jorge de Sena, uma assumida aliança do universo visual cinematográfico ao textual. É uma aliança transparente em poemas como “Couraçado Potemkin” ou “À Memória de Kazantzakis e a quantos fizeram o filme Zorba the Greek”.

Sena não considerava os filmes isoladamente, preocupando-se em contextualizá-los numa dimensão cultural, histórica e social. Surgem, por vezes, outros aspectos, que à primeira vista poderão parecer irrelevantes, como é o caso das condições das salas de projeção ou o estado degradado das cópias, ou até o próprio comportamento do público.

Além da crítica, Sena fez diversas apresentações de filmes e proferiu palestras que ficaram como marcos. Na primeira delas, na inauguração do Círculo de Cinema (1947), refletia, precisamente, sobre a importância que podiam vir a ter (e que de facto tiveram) os cineclubes na divulgação da história do cinema.

Neste Ciclo, além do universo dos filmes sobre os quais escreveu, tivemos em atenção uma lista (publicada em *O Tempo e o Modo*, de 1968), em que Sena indicou os dez filmes que levaria consigo para uma ilha deserta – lista que ajudou à seleção final, senão pelos próprios títulos pelo menos pela inclusão dos respetivos autores. Retivemos, entre outros, o filme de Jean Cocteau e René Clément, *A BELA E O MONSTRO*, M de Fritz Lang, *O MILAGRE DE MILÃO* de Vittorio De Sica, *O CREPÚSCULO DOS DEUSES* de Billy Wilder, *MACBETH* de Orson Welles e “*A PASSAGEIRA*” de Andrej Munk. Não podia faltar um Chaplin, por quem Sena tinha profunda admiração, e será assim *LIMELIGHT* a abrir o Ciclo. Juntámos, a essa lista, os filmes portugueses adaptados de obras suas ou que retratam a sua vida e obra: *SINAIS DE FOGO* e *SINAIS DE VIDA* de Luís Filipe Rocha; o documentário de Joana Pontes, *O ESCRITOR PRODIGIOSO*; as curtas-metragens de Abi Feijó e Jorge Cramez, *SALTEADORES* e *ERROS MEUS*.



LIMELIGHT

▶ Segunda-feira [2] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Terça-feira [3] 18:30 | Sala Luís de Pina

LIMELIGHT

Luzes da Ribalta
de Charles Chaplin

com Charles Chaplin, Claire Bloom, Buster Keaton, Sydney Chaplin

Estados Unidos, 1952 – 137 min / legendado em espanhol e eletronicamente em português | M/12

O filme em relação ao qual João Bénard da Costa aventou um dia a hipótese de ser “o melhor melodrama de todos os tempos”. Chaplin depois de Charlot, numa história de envelhecimento e de passagem por quem teve o segredo da arte do cinema de uma ponta à outra do seu percurso, e que, numa das alturas mais contraditórias da sua vida (entre um novo equilíbrio pessoal e a ameaça de uma rutura forçada com os EUA) convertia a irrisão em lágrimas. Perto do fim, um dos mais extraordinários encontros de gigantes de todo o cinema (Chaplin e Keaton) numa cena baseada na pura arte do olhar e do gesto, ou seja, o centro do centro desta arte das imagens em movimento. Embora Jorge de Sena não tenha escrito, que se saiba, crítica alusiva a *LIMELIGHT*, este seria certamente um dos filmes que consigo levava para a tal ilha deserta. E a Chaplin dedicou um dos seus mais belos textos sobre cinema – “Charlot, Hoje e Sempre”.

▶ Quarta-feira [4] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sexta-feira [13] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

ERROS MEUS

de Jorge Cramez

com Luís Miguel Cintra, Isabel Ruth

Portugal, 2000 – 15 min

LES VISITEURS DU SOIR

Trovadores Malditos

de Marcel Carné

com Arletty, Alain Cuny, Jules Berry

França, 1942 – 123 min / legendado em português

duração total da projeção: 138 min | M/12

com a presença de Jorge Cramez na sessão de dia 4

ERROS MEUS é a camoniana curta-metragem de Jorge Cramez, adaptada de uma história de Jorge de Sena, que Luís Miguel Cintra ilumina ao lado de Isabel Ruth: Camões, na velhice, é um homem doente, sífilítico, incapaz de se movimentar, de suportar as dores e tormentas que o mortificam, mas dentro dele há uma voz que fala no silêncio da noite. Conforme Jorge de Sena escreveu à época, “*LES VISITEURS DU SOIR*, é um filme em que a poesia, a ironia, a música, o sentido alegórico e a técnica cinematográfica aliadas a alguns séculos de consciência e de cultura, se conjugam para formar uma obra que, se não é uma das obras-primas do cinema, é sem dúvida uma das mais belas e interessantes que o cinema europeu produziu”. No filme ambientado na Idade Média, a partir de um argumento

de Jacques Prévert e Pierre Laroche, muitos viram uma parábola da resistência francesa à ocupação alemã: o diabo incumbe um casal de trovadores da missão “desesperar o mundo”, enviando-o ao castelo de um barão que celebra o noivado da filha. Os dois amantes acabam petrificados, mas mesmo debaixo da pedra os seus corações continuarão a bater.

▶ Quinta-feira [5] 18:30 | Sala Luís de Pina

O ESCRITOR PRODIGIOSO

de Joana Pontes

Portugal, 2005 – 62 min | M/12

SINAIS DE VIDA – BREVE SUMÁRIO DA VIDA E DA OBRA DE JORGE DE SENA

de Luís Filipe Rocha

com Luís Miguel Cintra, Clara Joana, Costa Ferreira

Portugal, 1984 – 76 min

duração total da projeção: 138 min | M/12

com a presença de Joana Pontes

O ESCRITOR PRODIGIOSO, realizado por Joana Pontes, é um documentário sobre a vida e a obra de Jorge de Sena, baseado em testemunhos da sua viúva Mécia de Sena, e de personalidades que com ele se cruzaram, como Fernando Lemos, Hélder Macedo, José Saramago, José-Augusto França, Eduardo Lourenço e João Bénard da Costa. Onze anos antes de adaptar ao cinema *Sinais de Fogo*, Luís Filipe Rocha abordou em *SINAIS DE VIDA* diversos temas da obra de Jorge de Sena (a morte, o erotismo, o exílio, o mar) numa mistura entre real e imaginário, ficção e poesia.

▶ Sexta-feira [6] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Terça-feira [10] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

MIRACOLO A MILANO

O Milagre de Milão

de Vittorio De Sica

com Emma Grammatica, Francesco Golisano, Paolo Siopa

Itália, 1951 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

“É uma fábula, e a minha única intenção é tentar um conto de fadas do século XX” (De Sica). Esse “conto de fadas” anda à volta de Toto, um jovem angélico que vê a beleza e a bondade por todo o lado. Procurando reconstruir o bairro de lata onde vive ao lado dos outros habitantes, descobre petróleo na área. Os capitalistas lançam-se ao assalto e Toto e a avó (uma fada) levam os deserdados para um paraíso longínquo que, à época, muitos identificaram como a URSS. “No futuro não precisaremos da história para compreender obras destas, a história é que precisará de se referir a elas para compreender a época em que surgiram” (Sena, 1952).

▶ Segunda-feira [9] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Quinta-feira [12] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA BELLE ET LA BÊTE

A Bela e o Monstro

de Jean Cocteau, René Clément

com Jean Marais, Josette Day, Marcel André, Michel Auclair

França, 1945 – 95 min / legendado em português | M/6

A mais bela adaptação ao cinema do famoso conto de Leprince de Beaumont, segundo contos tradicionais franceses. Cocteau dá-lhe um toque de fantasia e irreverência, numa espécie de prólogo-comentário, mas é na encenação fantasmagórica da história que se apoia o triunfo internacional do filme. O deslumbramento visual é particularmente sugestivo nas cenas do palácio do monstro, com os seus misteriosos corredores iluminados por “braços-candelabros” e jardins poéticos. “E que dizer do final” – escreve Sena numa crítica ao filme – “quando o príncipe e a bela vão abraçados, por ares e ventos, senão que é a dinamização cinematográfica dos sonhos de figuras, nuvens e roupagens, que a pintura barroca tentou fixar?”

▶ Terça-feira [10] 18:30 | Sala Luís de Pina

▶ Quarta-feira [11] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

SUNSET BOULEVARD

O Crepúsculo dos Deuses

de Billy Wilder

com Gloria Swanson, William Holden, Erich von Stroheim

Estados Unidos, 1950 – 110 min / legendado em português | M/12

O filme que mudou a imagem de Hollywood no cinema. Billy Wilder “ressuscitou” Gloria Swanson retirada há muitos anos, para um papel que podia ser o dela própria (uma diva do mudo num patético *comeback*), num retrato negro da cidade dos sonhos – “interpretação magistral inultrapassável”, segundo Sena: “a inteligência certa com que representou a aflitiva deshumanização final de toda uma teoria mistificada da vida ficará na história do cinema como um dos mais corajosos gestos que uma celebridade terá executado... Só a loucura de uma derradeira aparição angustiadamente nimba, é uma despedida de beleza...” Stroheim, que a dirigiu em *QUEEN KELLY* (filme cuja projeção caseira dá azo

a uma das mais emocionantes cenas de SUNSET BOULEVARD), interpreta o seu fiel mordomo. Cecil B. DeMille, Buster Keaton e Hedda Hopper aparecem brevemente, nos seus próprios papéis.

▶ Quarta-feira [11] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

PASAZERKA

"A Passageira"

de Andrzej Munk

com Aleksandra Slaska, Anna Ciepielewska

Polónia, 1961 – 61 min / legendado em francês e eletronicamente em português | M/12

O último filme de Andrzej Munk, deixado incompleto devido à sua morte prematura num acidente, e concluído por Witold Lesiewicz, é defendido por muitos como a grande obra-prima do cinema polaco: num navio, uma mulher que fora guarda no campo de concentração de Auschwitz pensa reconhecer numa passageira uma antiga prisioneira do campo. O filme é uma dura reflexão sobre a relação entre carrascos e vítimas e sobre as mentiras da memória. Na opinião de Jorge de Sena, "A PASSAGEIRA" tem "uma naturalidade em exibir o horror e a sordidez como simples acontecimentos quotidianos (e eram-no lá), que nos faz sentir por dentro e dentro de um pavor que, nos documentários, é só choque cheio de piedade...". O último texto de Sena sobre cinema foi escrito a propósito deste filme, em 1966, e enviado para a revista *O Tempo e o Modo*, onde não chegou a ser publicado, devido à censura.

▶ Quinta-feira [12] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Segunda-feira [16] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

OS SALTEADORES

de Abi Feijó

Portugal, 1993 – 14 min

MACBETH

Macbeth

de Orson Welles

com Orson Welles, Jeanette Nolan, Dan O'Herlihy, Roddy McDowall

Estados Unidos, 1948 – 110 min / legendado em português | M/12

duração total da projeção: 124 min | M/12

Reconhecido filme de animação de Abi Feijó (desenho animado a grafite sobre papel), OS SALTEADORES baseia-se no conto

homónimo de Jorge de Sena evocando um doloroso episódio da história de Portugal, no rescaldo da Guerra Civil espanhola. *Macbeth* por Welles e com Welles no papel de Macbeth. Uma adaptação bizarra mas genial da tragédia homónima de Shakespeare, ambientada num passado remoto "na antiga Escócia, ainda selvagem, e meio perdida na bruma que envolve História e lenda" (segundo Welles no prólogo em *off* da versão da distribuição europeia de época, a mais curta das três que se conhecem). Bizarra devido à forma como Welles torceu as limitações financeiras com fumos e iluminação difusa, uma montagem rápida esconde a indigência dos cenários. Genial porque estas limitações dão ao cineasta a possibilidade de empolar a perspectiva alucinatória da tragédia. Jorge de Sena disse desta interpretação de *Macbeth*: "Fiel reflexão: a barbárie, a fantasmagoria, a violência primária de uma época selvática vista sem embelezamentos bucólicos, tudo Orson Welles traduziu." A apresentar em cópia digital.

▶ Sexta-feira [13] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

SINAIS DE FOGO

de Luís Filipe Rocha

com Diogo Infante, Ruth Gabriel, Marcantonio del Carlo,

José Airoso, Glicínia Quartim

Portugal, 1995 – 100 min | M/12

com a presença de Luís Filipe Rocha

O romance homónimo de Jorge de Sena, um dos muito grandes romances da literatura portuguesa do século XX, é a fonte de onde nasceu este filme de Luís Filipe Rocha. Portugal, julho de 1936: um grupo de adolescentes passa as férias de verão na Figueira da Foz durante a época de consolidação e controlo da ditadura de Salazar, enquanto, do outro lado da fronteira, a guerra civil começa em Espanha.

▶ Sábado [14] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sexta-feira [20] 22:30 | Esplanada

M

Matou!

de Fritz Lang

com Peter Lorre, Ellen Widmann, Gustav Gründgens, Otto Wernicke

Alemanha, 1931 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

"Nada há que seja sombrio, desde que, pela imagem e pela expressão artística, ascende não direi à consciência discursiva, mas àquela outra em que a humanidade se reconhece vasta e vária, capaz de aceitar como seu aquilo que é estranho à essência das suas melhores horas..." (Jorge de Sena). Fritz Lang, mais do que a descrição de um "caso autêntico" (o "vampiro" de Dusseldorf, um assassino de crianças), fez o retrato de uma Alemanha mergulhada na depressão económica e nas vésperas da chegada dos nazis ao poder. Poderosa obra-prima, com Peter Lorre no papel da sua vida. E, Sena, que não pode deixar de ser quem é, profetizou então: "foi esta película que celebrou, para fins de arrepio, os seus olhos de goraz." *Também programado no "Ciclo "Luz e Espectros – Cinema de Weimar 1919-1933" (ver entrada respetiva).*

▶ Segunda-feira [16] 18:00 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ atenção ao horário

CORRESPONDÊNCIAS

de Rita Azevedo Gomes

com Ana Leppanen, Eva Truffaut, Edgardo Cozarinsky, Jean Paul Mugel,

Judy Shrewsbury, Luna Piccolli-Truffaut, Luís Miguel Cintra, Loukia

Batsi, Mário Barroso, Pierre Léon, Rita Durão, Tânia Diniz

Portugal, 2016 – 145 min | M/12

com a presença de Rita Azevedo Gomes

Filme inspirado nas cartas trocadas entre Sophia de Mello Breyner Andresen e Jorge de Sena, durante os quase vinte anos de exílio deste último (1957-78). Através da poesia e da escrita epistolar, o filme constitui um diálogo extenso no tempo, no "desejo de suprir anos de distância em horas de conversa". Simultaneamente, Rita Azevedo Gomes procura correspondências com as nossas próprias vidas, ficcionando sobre as ligações e correntes que nos mantêm juntos. Filme tumultuoso, elaborado, amplo, feito de estilhaços de tempo e de pedaços de vida, onde os textos passam por múltiplos corpos, vozes e espaços, onde são feitas e refeitas as imagens, para serem retomadas, alteradas, repostas em estado de mudança. CORRESPONDÊNCIAS é o filme que serve de charneira entre os dois Ciclos dedicados aos poetas. Primeira exibição na Cinemateca.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN: SIRVO PARA QUE AS COISAS SE VEJAM

em colaboração com a Comissão das Comemorações do Centenário de Sophia de Mello Breyner Andresen

"Num dos teus ombros pousará a mão da sombra, no outro a mão do Sol"

Caminho da Manhã, in Livro Sexto de Sophia de Mello Breyner Andresen

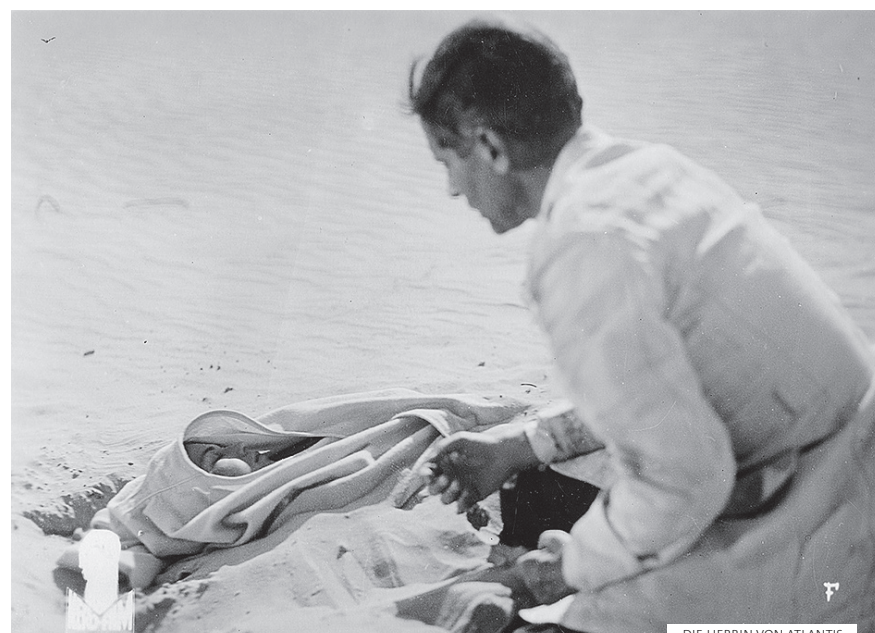
Escritos sobre cinema por Sophia praticamente não existem, ou se existem, como alguém referiu, estarão perdidos num papel amarrotado que ainda não se encontrou. Porém, a ligação do cinema português à sua poesia é constante. E não é só nos filmes, é também em textos sobre cinema – João Bénard da Costa cita-a profundamente.

Por outro lado, a poesia de Sophia está carregada de luz. De luz e de sombra, que numa fúria ela transpõe para o "caminho puro e absoluto". Não é difícil estabelecer a aproximação entre a imagem poética dos seus versos e a imagem cinematográfica. Poemas, textos e contos, oferecem, sem hesitação, uma forte imagem "cinematográfica". É abrir um livro ao acaso e "ver" cada verso: *Quando à noite desfolho e trinco as rosas...*; ou quando sobre Alexandre da Macedónia diz: *A luz bailava em roda de teus passos...*; ou a que "aparece" ao ritmo de *Onde – ondas – mais belos cavalos*.

Sob este universo de sombra e de luz da obra de Sophia, e baseando-nos nas suas preferências cinematográficas, chegámos aos filmes do Ciclo. A escolha é diversa: filmes de Michael Powell e Emeric Pressburger, de Dreyer, ou de Noronha da Costa, ou de Bergman, de quem Sophia tanto gostava. Juntámos outros filmes que associamos ao universo de Sophia: O APICULTOR de Angelopoulos, LA MÉDITERRANÉE de Jean-Daniel Pollet, ou SICÍLIA! de Straub/Huillet. A única evidência nesta escolha foi ATLÂNTIDA, o filme de Pabst que a própria Sophia escolheu, quando, em julho de 1995, aceitou vir apresentar uma sessão das "Terças-feiras Clássicas" da Cinemateca.

Teremos ainda a oportunidade de visitar o filme que João César Monteiro lhe dedicou, e filmes portugueses que, mais diretamente ou menos diretamente, com a sua obra se relacionam: o recentíssimo MAR de Margarida Gil e A VIAGEM de Jorge Queiroga.

O Ciclo é organizado em colaboração com a Comissão das Comemorações do Centenário de Sophia de Mello Breyner Andresen, sediada no centro Nacional de Cultura. Agradecemos particularmente a Maria Andresen Sousa Tavares, pela forma como, desde o início, apoiou e acompanhou a organização deste Ciclo.



DIE HERRIN VON ATLANTIS

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN: SIRVO PARA QUE AS COISAS SE VEJAM

- ▶ Segunda-feira [16] 18:00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ atenção ao horário

CORRESPONDÊNCIAS

de Rita Azevedo Gomes

com Ana Leppanen, Eva Truffaut, Edgardo Cozarinsky, Jean Paul Mugel, Judy Shrewsbury, Luna Picolli-Truffaut, Luís Miguel Cintra, Loukia Batsi, Mário Barroso, Pierre Léon, Rita Durão, Tânia Diniz

Portugal, 2016 – 145 min | M/12

com a presença de Rita Azevedo Gomes

Ver entrada em “Jorge de Sena, Cendrada Luz”.

- ▶ Segunda-feira [16] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN**
- de João César Monteiro
- Portugal, 1969 – 17 min

O CONSTRUTOR DE ANJOS

de Luís Noronha da Costa

com Suzi Turner, Anthony Peter, Mafalda de Mello e Castro, Eduardo Trigo de Sousa, António Caldeira Pires, Agostinho Alves

Portugal, 1978 – 41 min

duração total da projeção: 58 min | M/12

A primeira curta-metragem de João César Monteiro, logo reveladora da originalidade do realizador, que a dedica a Carl Th. Dreyer – “bastaria que Dreyer tivesse realizado GERTRUD”, disse a quem quis saber porquê: SOPHIA, muito marítimo e muito mediterrânico, supunha ele que fosse antes de mais “a prova, para quem a quiser entender, que a poesia não é filmável e não adianta persegui-la”. O CONSTRUTOR DE ANJOS foi o único filme de Noronha da Costa que teve apoio financeiro do Instituto Português de Cinema e uma pequena equipa de produção, fotografado por Acácio de Almeida e com texto para o argumento de Nuno Júdice. Com uma eventual filiação no género “terror”, abordado com enorme desenvoltura e grande sentido de humor (ou não fosse Terence Fisher uma das grandes admirações do autor), as visões irónicas e eróticas são histórias de virgens perversas e sádicos irrisórios, ressuscitados do romantismo alemão e britânico em décors bem portugueses.

- ▶ Quarta-feira [18] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [20] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

STROMBOLI TERRA DI DIO*Stromboli*

de Roberto Rossellini

com Ingrid Bergman, Mario Vitale

Itália, Estados Unidos, 1949 – 102 min / legendado em português | M/12

O primeiro filme de Rossellini com Ingrid Bergman (que “partiu de UNDER CAPRICORN para STROMBOLI”) marcou uma viragem importante no percurso do realizador e no da atriz. À época, Éric Rohmer comentou assim o filme: “STROMBOLI, grande filme cristão, é a história de uma pecadora tocada pela graça. (...) O autor de STROMBOLI bem sabe a importância que a sua arte pode dar aos objetos, ao lugar, aos elementos naturais do cenário. Dominando o poder que lhes confere, Rossellini faz deles os instrumentos da sua expressão, o molde de onde sairão os gestos e mesmo os impulsos dos atores”. Por muitas razões, uma das mais extraordinárias experiências em toda a história do cinema. “Este filme, duma beleza alucinante, é um filme sobre o cosmos. [...] STROMBOLI é o poema da criação” (JBC). A apresentar na versão inglesa, em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [18] 18:30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Sexta-feira [20] 18:30 | Sala Luís de Pina

SICILIA!*Sicília*

de Jean-Marie Straub, Danièle Huillet

com Gianni Buscarino, Vittorio Vigneri, Angela Nugara

Itália, 1999 – 66 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SICILIA! assinala a primeira presença de um livro de Elio Vittorini na obra de Straub/Huillet, que a ela voltariam em OPERAI, CONTADINI, numa série de curtas-metragens e em partes de KOMMUNISTEN. SICILIA!, talvez o mais “narrativo” dos filmes de Straub/Huillet aborda um tema clássico: o regresso ao lar. Um siciliano que emigrara para o norte de Itália (mas pretende ter emigrado para os Estados Unidos) regressa à terra natal. A sua viagem de regresso divide-se em quatro etapas, que são outros tantos movimentos cinematográficos: um diálogo no porto,

uma viagem de comboio, um encontro com a sua mãe e um diálogo com um amolador de facas, que gostaria que todas as facas só tivessem lâminas. Ao invés de se encontrar a si próprio no termo da viagem, o viajante descobre algo mais vasto, uma “bela coisa, o mundo”.

- ▶ Quinta-feira [19] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [23] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE RED SHOES*Os Sapatos Vermelhos*

de Michael Powell, Emeric Pressburger

com Anton Walbrook, Moira Shearer, Esmond Knight, Leonide Massine

Reino Unido, 1948 – 136 min / legendado eletronicamente em português | M/6

Uma das obras-primas do cinema britânico da década de quarenta, que tem por tema a relação entre a vida e a arte. Guiada por um empresário visivelmente inspirado na figura de Diaghilev, uma jovem bailarina torna-se uma estrela, mas tem de enfrentar o dilema entre entregar-se inteiramente à carreira ou sacrificar o amor. A fotografia em Technicolor de Jack Cardiff, a fabulosa direção artística de Hein Heckroth e a música de Brian Easdale construíram um dos mais belos musicais de sempre. Léonide Massine, que entre 1915 e 1921 foi o principal coreógrafo dos Ballets Russes de Diaghilev, tem aqui um dos seus mais importantes papéis no cinema, coreografando e dançando uma importante sequência do filme. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [19] 18:30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Quinta-feira [26] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

MÉDITERRANÉE

de Jean-Daniel Pollet

narração de Philippe Sollers

França, 1963 – 41 min / legendado eletronicamente em português

IL MIRACOLO

de Roberto Rossellini

com Anna Magnani, Federico Fellini

Itália, 1948 – 43 min / legendado em português

duração total da projeção: 84 min | M/12

“Companheiro de viagem” da Nouvelle Vague, Jean-Daniel Pollet desenvolveu uma obra singular, em que ao lado de filmes “narrativos”, com atores, surgem ensaios cinematográficos, como MÉDITERRANÉE. Sem enredo, o filme é uma reflexão sobre a cultura e o pensamento, sobre “aquele instante fabuloso em que os homens, em vez de tentarem conquistar o mundo, se sentiram solidários com ele, solidários com a luz refletida e não enviada pelos deuses, solidários com o sol, solidários com o mar”, segundo as palavras de Jean-Luc Godard. IL MIRACOLO é o segundo segmento de L'AMORE de Rossellini, “dedicado à arte de Anna Magnani”. Nannina, uma cabreira da costa amalfitana, encontra um pastor loiro, barbudo que crê ser São José. Em delírio, depois do vinho, ele aproveita-se do estado semi-inconsciente de Nannina, que acorda sozinha sem se lembrar do que aconteceu. Quando descobre que está grávida, contra o escárnio dos camponeses, ela acredita que foi um milagre, um desígnio de Deus. IL MIRACOLO é apresentado em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [19] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

SARABAND*Saraband*

de Ingmar Bergman

com Liv Ullmann, Erland Josephson, Börje Ahlstedt,

Júlia Dufvenius, Gunnel Fred

Suécia, 2003 – 120 min / legendado em português | M/12

Filmando em alta definição, Bergman regressou ao tema do fracasso das relações de um casal e às personagens de CENAS DA VIDA CONJUGAL (1973), numa obra que vai ainda mais longe na exposição desse fracasso e da crueldade e ternura entre o par, que reencontramos 30 anos depois. Quando Marianne (Liv Ullmann) sente que Johan (Erland Josephson) precisa dela, decide visitá-lo na velha casa de campo onde vive. Marianne depressa vê que o filho dele, Henrik, tem um amor possessivo pela filha, Karin, e que Johan só sente ódio e desprezo pelo filho. “Um concerto grosso para quatro instrumentos”, chamou Bergman ao seu último filme. “Ao acercar-se mais e mais dos quatro rostos e das quatro vozes, para além dos corpos, dá-nos a ver almas”, escreveu João Bénard da Costa.

- ▶ Terça-feira [24] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [30] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

O MELISSOKOMOS*“O Apicultor”*

de Theo Angelopoulos

com Marcello Mastroianni, Nantia Mourouzi, Serge Reggiani, Jenny Rousseau, Dinos Iliopoulos

Grécia, 1986 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Depois do casamento da filha, Spyros (Marcello Mastroianni), professor de uma cidade de província, reforma-se, deixa a mulher, e parte numa viagem pela Grécia em direção às suas raízes, levando as suas colmeias. Pelo caminho encontra uma jovem rapariga, que viaja à boleia, e que parece representar uma nova geração sem memória. Sem conseguir viver o presente, traído pelo passado, e descrente no futuro, Spyros encerra-se no silêncio e no isolamento, abandonando-se às suas abelhas. A alienação e o desespero concentram-se assim nesta personagem que atravessa a Grécia como um sonâmbulo. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [25] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [28] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

I KNOW WHERE I'M GOING*Sei para Onde Vou*

de Michael Powell, Emeric Pressburger

com Wendy Hiller, Roger Livesey, Pamela Brown, Nancy Price, Finlay Currie

Reino Unido, 1945 – 91 min / legendado em português | M/12

Um dos mais belos filmes da história do cinema, delirante história de uma jovem ambiciosa que procura pôr a razão acima do coração, mas não conta com as forças da natureza. Querendo deslocar-se para uma ilha do norte da Escócia, onde se encontra o seu futuro marido, é impedida de fazer a travessia por uma tempestade. E com a tempestade chegam a descoberta da paixão e as velhas lendas célticas.

- ▶ Quarta-feira [25] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [27] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

A VIAGEM

de Jorge Queiroga

com Anabela Teixeira, Canto e Castro, Diogo Infante, Fernando Alves

Portugal, 1994 – 15 min

DIE HERRIN VON ATLANTIS / L'ATLANTIDE*Atlântida*

de Georg Wilhelm Pabst

com Brigitte Helm, Heinz Klingenberg, Gustav Diessl, Vladimir Sokoloff

Alemanha, França 1932 – 87 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 102 min | M/12

com a presença de Jorge Queiroga na sessão de dia 25

Segunda adaptação ao cinema do romance de Pierre Benoît, depois da bela versão de Jacques Feyder (1921), ATLANTIDA compõe-se em torno da extravagante trama narrativa que põe dois oficiais europeus dos anos vinte do século XX em busca do mítico reino da Atlântida, diante de Antinea, a rainha deste reino. Longe dos cenários naturais utilizados por Feyder, a adaptação de Pabst (a apresentar na versão francesa) dá à história da civilização perdida nas areias do Saaré e dos trágicos amores de Antinea, uma atmosfera expressionista, explorando os cenários oníricos de Erno Mützer com a mestria da fotografia de Eugen Schüftan. A sessão abre com A VIAGEM, curta-metragem realizada por Jorge Queiroga em 1994, a partir do conto homónimo de Sophia de Mello Breyner Andresen: um casal em busca de uma vida diferente, troca a cidade pelo campo e confronta-se com acontecimentos inesperados, sem quebrar a sua união.

- ▶ Segunda-feira [30] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

MAR

de Margarida Gil

com Maria de Medeiros, Pedro Cabrita Reis, Catarina Wallenstein, Augusto Amado, Dinis Gomes, Nuno Lopes, Marcello Urgeghe

Portugal, 2018 – 103 min | M/12

com a presença de Margarida Gil

MAR é o mais recente filme de Margarida Gil, estreado na competição nacional do IndieLisboa 2019. Uma ex-funcionária da Comissão Europeia, Francisca, vê a sua vida tomar um rumo inesperado e resolve embarcar num veleiro “À Flor do Mar”, depois do seu único filho ter partido em busca de outra realidade. Entre cumplicidades e conflitos a bordo com os diversos tripulantes, o espaço torna-se cada vez mais exiguo mas o veleiro vai seguindo a rota dos descobridores Portugueses do século XVI. Em alto mar, ocorre a maior traição. Primeira exibição na Cinemateca.

LUZ E ESPECTROS – CINEMA DE WEIMAR 1919-1933



DAS KABINETT DES DR. CALIGARI

O cinema alemão compreendido entre os anos de 1919 e 1933 da República de Weimar, entre as duas Guerras Mundiais e no período que contemplou a passagem do mudo ao sonoro, é historicamente reconhecido pela sua fertilidade experimental, energia artística e influência duradoura. Reconhece-se também que, na sua variedade, foi um barómetro da realidade convulsiva da época, vertendo a sua febril eferescência cultural, retratando-a social, económica e politicamente, mas também submergindo nela com uma rara acutilância que deu forma a poderosas representações da vulnerabilidade do presente e da sombra que pairava sobre o futuro.

A Alemanha devastada pela Primeira Guerra veria a instauração oficial da sua primeira República em agosto de 1919, na cidade de Weimar, com a adoção da lei constitucional, viveria uma realidade precária, conheceria a grave inflação que se abateu sobre o início da década seguinte, a crise económica, o desemprego avassalador. E uma surpreendente pulsão criativa nas artes, que absorveram o cosmopolitismo e a modernidade que simultaneamente construíam, inovando a expressão formal. No cinema, foi nesses anos fervilhantes e complexos a imagem da vanguarda, o centro de uma extraordinária liberdade criativa que marcou a História, e que seria brutalmente interrompida em todas as frentes com a ascensão do nazismo de Hitler ao poder em 1933.

Emigrados como tantos outros após essa data e marcados pela experiência do exílio, Siegfried Kracauer e Lotte H. Eisner são autores dos dois estudos sobre o cinema alemão que se tornaram clássicos da literatura de cinema. Kracauer publica o seu ensaio nos Estados Unidos, em 1947: *From Caligari to Hitler A Psychological History of the German Film* (de que não existe edição portuguesa) vê na produção alemã dos anos Weimar o perturbador reflexo que o “caligarismo” e o “expressionismo” testemunham como subterrâneas angústias germânicas. Em 1952, Eisner, então colaboradora da Cinemateca Francesa de Henri Langlois, publica *O Ecrã Demoniaco As Influências de Max Reinhardt e do Expressionismo* concentrando-se na análise de um núcleo de filmes que elegeram como representativos de uma época de exceção influenciada pelo teatro de Reinhardt e pela arte expressionista, e precisando que o seu *demoniaco* se distinguia de *diabólico*, devendo entender-se no sentido – poético – que os gregos e Goethe lhe atribuíam. Ambos os livros continuam a ser peças fundamentais da abordagem ao “cinema de Weimar” que nos últimos anos tem suscitado novos olhares, e a atenção que assinala o século cumprido entre 1919 e 2019.

Alimentada pela cultura germânica, pelas contradições da sua época e pelas novas oportunidades tecnológicas, portanto eminentemente *moderna*, a cinematografia alemã dos anos Weimar tem a riqueza plurifacetada do trabalho de uma série de protagonistas – realizadores, produtores, argumentistas, atores e técnicos, críticos e teóricos – e da sua própria variedade intrínseca: expressionista, “caligarista”, “de câmara”, realista, naturalista, sinfónica e urbana, disposta à comédia, à opereta, ao musical, à reconstituição histórica, ao *travelogue*, aberta ao “filme de montanha” ou à liberdade de costumes. Este programa dá visibilidade à projeção das sombras “expressionistas”, com as suas criaturas tremendas, sonâmbulas, possuídas, e a filmes que integram elementos da realidade que lhes era contemporânea, mais em linha com o movimento da “Nova Objetividade” da segunda metade dos anos vinte.

O Ciclo reúne títulos canónicos e obras que permaneceram menos ou nada visíveis e que têm sido resgatadas por restaurações e reavaliações recentes; autores da grandeza radiosa de Ernst Lubitsch, Friedrich Wilhelm Murnau, Fritz Lang, Georg Wilhelm Pabst, Josef von Sternberg, nomes indissociáveis do cinema de Weimar como Arthur Robison, Karl Grune, Lupu Pick ou Joe May, e realizadores menos divulgados mas cujos filmes participam do fulgor cinematográfico alemão destes anos. É o caso de Alexis Granowsky, Eugen Schüfftan, Gerhard Lamprecht, Marie Harder, Peter Pewas, Richard Oswald, Werner Hochbaum, Wilfried Basse. De Robert Reinert, mostram-se os ainda pouco vistos NERVEN e OPIUM, de 1919 como o seminal CALIGARI, realizado por Robert Wiene, que abre o programa, e como A PRINCESA DAS OSTRAS, de Lubitsch, o último título a apresentar. Inclui-se o filme que documenta uma pioneira volta ao mundo automobilística e cinematográfica, IM AUTO DURCH ZWEI WELTEN, de Clärenore Stinnes e Carl-Axel Söderström. O filme-ensaio de Rüdiger Suchsland que no século XXI questiona o cinema “de Caligari a Hitler”, é igualmente apresentado: “O que sabe o cinema que, a nós, nos escapa?”

Vários dos filmes são apresentados pela primeira vez em Lisboa. Uma parte substancial das projeções de filmes mudos conta com a improvisação de música ao vivo pelos pianistas Daniel Bruno Schvetz, Filipe Raposo e João Paulo Esteves da Silva

▶ Terça-feira [3] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DAS KABINETT DES DR. CALIGARI

O Gabinete do Doutor Caligari

de Robert Wiene

com Werner Krauss, Lil Dagover, Conrad Veidt, Friedrich Feher

Alemanha, 1919 – 76 min / mudo, intertítulos em alemão, legendados em português | M/12

▶ ACOMPANHADO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

CALIGARI deu início ao que os historiadores do cinema denominaram *Expressionismo Alemão*, ou, como sugeriu Henri Langlois, o “caligarismo”, que se destaca pelos seus cenários e perspectivas deformadas, tortuosas, sombrias, oblíquas para representar as visões de um louco. Langlois também observou que este filme violava todas as regras vigentes e “agredia todos os hábitos”, abrindo ao cinema alemão as portas de uma conceção moderna do cinema. E o cinema alemão dos anos vinte do século XX, feito a seguir a CALIGARI, seria da mais alta ambição e da mais alta qualidade. Siegfried Kracauer viu no filme uma antecipação inconsciente do nazismo, a imagem do ditador em Caligari, figura maléfica que orchestra a atuação de um criminoso em estado de hipnose. Realizado por Robert Wiene, O GABINETE DO DOUTOR CALIGARI deve muita da sua especificidade irrealista e demoníaca aos argumentistas Carl Mayer e Hans Janowitz.

▶ Quarta-feira [4] 18:30 | Sala Luís de Pina

OPIUM

“Ópio”

de Robert Reinert

com Eduard von Winterstein, Sybill Morel, Werner Krauss, Friedrich Kühne, Hanna Ralph, Conrad Veidt

Alemanha, 1919 – 91 min / mudo (com banda musical), legendado eletronicamente em português | M/12

O ambiente exótico e o erotismo marcam o projeto de OPIUM, em que a imagem da Ásia é reconstituída em estúdio e as cenas sob a influência intoxicante do ópio evocam uma peça de Max Reinhardt (*Die Insel der Seligen*, 1913). O intrincado enredo centra-se na personagem de um médico inglês que se encontra na China a investigar os efeitos da substância narcótica e regressa a Inglaterra acompanhado por uma rapariga, seguindo depois com ela para a Índia em fuga a uma ameaça de vingança. Sob a superfície aventurosa, “OPIUM capta a experiência e o choque da Primeira Guerra Mundial [...] Reinert e o seu operador de câmara, Helmar Lerski, desenvolveram uma linguagem cinematográfica alucinatória genial” (Tobias Nagl). A apresentar em cópia digital, numa primeira exibição na Cinemateca.

▶ Quarta-feira [4] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

KUHLE WAMPE ODER WEM GEHÖRT DIE WELT?

“Barrigas Geladas ou A Quem Pertence o Mundo?”

de Slatan Dudow

com Hertha Thiele, Ernst Buch, Martha Wolter

Alemanha, 1932 – 75 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Com argumento original de Bertolt Brecht e realizado por um dos seus colaboradores, o búlgaro Slatan Dudow, KUHLE WAMPE ODER WEM GEHÖRT DIE WELT? foi concluído poucos meses antes da chegada dos nazis ao poder, que o amputaram e depois o proibiram. Trata-se de um filme de luta política, sobre a gravíssima crise de desemprego que assolava a Alemanha, estruturado em três partes e encarando as dimensões da massa e do indivíduo com um muito particular uso de soluções visuais e sonoras. A música deste filme de combate ambientado na Berlim do início dos anos trinta do século XX é do compositor austríaco Hans Eisler, também ele um colaborador regular de Brecht.

▶ Quinta-feira [5] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

SCHATTEN

“Sombras”

de Arthur Robison

com Alexander Granach, Fritz Kortner, Rudolf Klein-Rogge

Alemanha, 1923 – 90 min / mudo, sem intertítulos | M/12

▶ ACOMPANHADO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

Em SCHATTEN, como observou Georges Sadoul, “misturam-se o teatro, o Kammerspiel e o Expressionismo”, ou seja, algumas das principais tendências do cinema alemão dos anos vinte do século XX, decididamente ligado às artes da vanguarda, mesmo em filmes destinados ao grande público. Como tantas vezes sucede em “filmes Kammerspiel”, não há intertítulos e a ação é contínua, concentrada num cenário único e numa única noite. Esta tem lugar durante um jantar oferecido por um aristocrata

LUZ E ESPECTROS – CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

e a sua mulher, na presença de quatro pretendentes dela. Um “mostrador de sombras” fá-los ver o que pode acontecer se os pretendentes não deixarem de cortejar a mulher, confrontando-os por hipnose com os seus sentimentos mais calados. A digressão entre realidade e ilusão do portentoso *chiaroscuro* de SCHATTEN parte assim da encenação de uma projeção, em que a intimidade dos sentimentos convive com a pulsão erótica mas também com a sinalização da luta de classes de que a casa é palco. A última passagem na Cinemateca foi em 2011.

▶ Sexta-feira [6] 18:30 | Sala Luís de Pina

VON CALIGARI ZU HITLER: DAS DEUTSCHE KINO IM ZEITALTER DER MASSEN

“De Caligari a Hitler: o Cinema Alemão na Era das Massas” de Rüdiger Suchsland

Alemanha, 2014 – 114 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Primeira obra do crítico de cinema Rüdiger Suchsland (que já esteve na Cinemateca a apresentar este filme e o posterior HITLER’S HOLLYWOOD), o filme vai buscar o seu título ao célebre livro de 1947 de Siegfried Kracauer sobre o cinema alemão dos anos vinte e trinta do século XX. Tomando por corpo de análise um conjunto de filmes muito e muito pouco conhecidos, Suchsland volta à análise do cinema da República de Weimar prefigurador da ascensão do nazismo. “Kracauer começou por analisar filmes individuais, não apresentou uma tese genérica. Descobriu que o cinema alemão – muito mais do que todos os outros filmes de outros países na época – tem muito mais assassinos em massa, muito mais tiranos, cientistas loucos, pais autoritários. É preciso encontrar uma explicação para a origem deste fascínio com assassinatos, violência, manipulação e hipnose” (Rüdiger Suchsland). Apresentado pela primeira na Cinemateca, com o Indielisboa, em 2015.

▶ Sexta-feira [6] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

NOSFERATU, EINE SYMPHONIE DES GRAUENS

“Nosferatu, o Vampiro”

de Friedrich Wilhelm Murnau

com Max Schreck, Gustav von Wangenheim, Greta Schroeter, Alexandre Granach

Alemanha, 1922 – 84 min / mudo, intertítulos em alemão legendados eletronicamente em português | M/12

ACOMPANHADO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

“Quando chegou ao outro lado da ponte, os fantasmas vieram ao seu encontro.” Este célebre intertítulo de NOSFERATU, aliás apócrifo, abre as portas do cinema fantástico. A primeira e mais célebre adaptação do romance de Bram Stoker, *Drácula*, é uma das obras-primas máximas da história do cinema. “O sangue, o mar, a mulher. Em torno destas três imagens se articula a primeira das múltiplas adaptações para o cinema da célebre novela de Bram Stoker e do celeberrimo Conde Drácula”, escreveu João Bernard da Costa. Nesta adaptação, em que Nosferatu é o “não morto” que espalha a peste e a morte, o pintor Albin Grau é o autor de cenários e guarda-roupa, o realizador dinamarquês Henrik Galeen assina o argumento, que Murnau filma em exteriores naturais com uma luz, sombras e paleta cromática (as tintagens e viragens da película a preto e branco) de inigualável fulgor.

▶ Segunda-feira [9] 18:30 | Sala Luís de Pina

▶ Quarta-feira [11] 18:30 | Sala Luís de Pina

IM AUTO DURCH ZWEI WELTEN

“De Automóvel pelo Mundo”

de Clärenore Stinnes, Carl-Axel Söderström

Alemanha, 1927-1931 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Clärenore Stinnes (1901-1990), corredora alemã de automóveis, e o operador de câmara sueco Carl-Axel Söderström percorreram mais de 46 mil quilómetros a bordo de um Adler Standard 6, numa viagem ao mundo com paragem em 23 países. Iniciada em maio de 1927 e concluída em junho de 1929, a aventura da primeira “circum-navegação do mundo em automóvel” foi patrocinada por empresas da mesma indústria. O resultado é “um protótipo de *road movie*”, narrado pela própria Clärenore Stinnes num elogio da viagem e do automóvel. O relato da viagem e respetivo itinerário, das suas dificuldades e perigos, é secundado pelo apelo exótico, impressões turísticas, apontamentos sobre a paisagem e os animais, monumentos culturais, os encontros com as pessoas ao longo do aventuroso trajeto. Uma rara incursão pioneira, pelo mundo e no cinema. Primeira exibição na Cinemateca.

▶ Segunda-feira [9] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

SYLVESTER ODER TRAGÖDIE EINER NACHT

A Noite de São Silvestre

de Lupu Pick

com Frieda Richard, Eugen Klöpfer, Edith Posca

Alemanha 1923 – 75 min / mudo, sem intertítulos | M/12

ACOMPANHADO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

SYLVESTER é o exemplo acabado do *Kammerspielfilm*, o “cinema de câmara” alemão contemporâneo do que se convencionou chamar *Expressionismo*: numa declinação da matriz Kammerspiel do teatro de Max Reinhardt, tragédias modernas da vida quotidiana, centradas nos conflitos interiores das personagens, filmadas em cenários vulgares, respeitando as unidades de tempo, lugar e ação. É o que se passa em SYLVESTER, subtítulo “A Tragédia de uma Noite” e concentrado numa noite de fim de ano, em que um homem dá por si enredado no conflito entre a mãe e a mulher. O argumento do filme de Lupu Pick é de Carl Mayer, figura fundamental do cinema alemão da época, também argumentista de SCHERBEN (coescrito com Lupu Pick), CALIGARI de Wiene (coescrito com Hans Janowitz) ou BERLIN DIE SINFONIE DER GROSSTADT de Walter Ruttmann (coescrito com Karl Freund), e de vários Murnau. Como já sucedera em SCHERBEN (Pick, 1921), os intertítulos são abolidos no pressuposto de que o filme devia ser “um jogo de luz”. Todo o filme é um prodigioso jogo de luzes e sombras, de corpos e olhares, que refletem o que vai na alma dos protagonistas. A última apresentação na Cinemateca foi em 2006.

▶ Terça-feira [10] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

DAS TESTAMENTO DES DR. MABUSE

O Testamento do Doutor Mabuse

de Fritz Lang

com Rudolf Klein-Rogge, Otto Wernicke, Oskar Beregi

Alemanha, 1933 – 108 min / legendado em português | M/12

Segundo filme sonoro de Fritz Lang e a sua última obra na Alemanha, antes da ascensão dos nazis ao poder, O TESTAMENTO DO DOUTOR MABUSE é uma verdadeira alegoria sobre o novo regime, que seria proibida por Goebbels logo após a tomada do poder pelos partidários de Hitler. Lang retoma a personagem que em DR. MABUSE DER SPIELER (1922) deixara num asilo de alienados, e retoma igualmente a do comissário de polícia de M. Através dos seus escritos, verdadeiro manual de terrorismo, um herdeiro de Mabuse dirige um regime de terror e crime a partir do hospital onde está internado. Obra-prima cinematográfica absoluta, O TESTAMENTO DO DR. MABUSE também é uma arrepiante e perene parábola sobre o Mal. “Hoje é impossível acreditar numa intenção antinazi explícita no TESTAMENTO. Mas não há filme que capte a perturbação do tempo com tanta lucidez. Não encontramos em nenhum outro lugar esta energia e esta invenção a todo o momento, ligadas a uma percepção do contemporâneo” (Bernard Eisenschitz).

▶ Quarta-feira [11] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

HEIMKEHR

O Canto do Prisioneiro

de Joe May

com Lars Hanson, Gustav Fröhlich, Dita Parlo, Theodor Loos, Philipp Manning

Alemanha, 1928 – 140 min / mudo, legendado eletronicamente em português | M/12

ACOMPANHADO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

A primeira fase, alemã, do cinema de Joe May, iniciada em 1912 na sequência de um percurso no teatro em Hamburgo no início do século XX, tem epicentro em Berlim antes e depois da Primeira Guerra Mundial. Antecedendo a partida de May para os Estados Unidos, onde faria carreira na série B de Hollywood, ASPHALT (de 1929, já várias vezes apresentado na Cinemateca) e HEIMKEHR destacam-se pela dimensão realista. Filmado nos estúdios berlinenses de Babelsberg e em exteriores de Hamburgo, HEIMKEHR é um filme de guerra e a história de um triângulo amoroso produzido por Erich Pommer, regressado aos estúdios da UFA depois da experiência em Hollywood nos dois anos anteriores: dois prisioneiros de guerra alemães fogem de um cativo de longa data na Sibéria e “regressam a casa” no tempo diferido em que, conseguindo não ser recapturado, um deles se apaixona pela mulher do outro antes da chegada deste. Primeira exibição na Cinemateca.

▶ Quinta-feira [12] 18:30 | Sala Luís de Pina

ALEXANDERPLATZ ÜBERRUMPLET (fragmento)

“Alexanderplatz de Relance”

de Peter Pewas

Alemanha, 1932-1934 – 8 min / sem diálogos

LOHNBUCHHALTER KREMKE

“O Contabilista Kremke”

de Marie Harder

com Hermann Vallentin, Anna Sten, Ivan Koval-Samborsk, Else Heller, Inge Landgut, Wolfgang Zilzer

Alemanha, 1930 – 61 min / legendado eletronicamente em português
duração total da projeção: 79 min | M/12

ALEXANDERPLATZ ÜBERRUMPLET corresponde ao excerto de um projeto documental sobre a praça berlinense, nunca completado por Peter Pewas, que foi preso pela Gestapo e viu o seu material apreendido. Os fragmentos sobreviventes mostram recla-

mes luminosos de lojas, crianças a brincar no meio de destroços lamacentos e um cortejo de soldados nazis – “uma realidade social heterógena” conforme a apresentação do filme numa retrospectiva recente da Berlinale. Realizado por uma mulher, Marie Harder, e refletindo uma ideologia de esquerda, como BRÜDER (Werner Hochbaum, 1929), LOHNBUCHHALTER KREMKE retrata a difícil situação económica da Alemanha da época, seguindo a personagem de um homem burguês de meia-idade no desemprego após 20 anos de trabalho na mesma empresa e devastado pela perda da sua posição social. “Neste filme, os agravos sociais e económicos assumem uma importância idêntica à do sofrimento do indivíduo. O filme torna-se um retrato dos tempos, e simultaneamente a acusação de um sistema económico absurdo” (Felix Scherret, 1930). Primeiras exposições na Cinemateca.

▶ Quinta-feira [12] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DER LETZTE MANN

O Último dos Homens

de Friedrich Wilhelm Murnau

com Emil Jannings, Maly Delschaft, Emilie Kurtz, Max Hiller, Georg John

Alemanha, 1924 – 100 min / mudo, sem intertítulos | M/12

ACOMPANHADO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Referência incontornável do Kammerspiel, a corrente “realista” do cinema mudo alemão, cujo principal teórico foi o argumentista Carl Mayer, o filme de Murnau é uma obra-prima absoluta, na qual confluem registos de carácter distinto, luz e sombras expressionistas, um brilhante exercício de cinema como o famoso plano-sequência inicial, a imagem recorrente de uma porta giratória que convoca a ideia da própria vida. Construído à volta do acontecimento banal da substituição do velho porteiro de um grande hotel remetido a responsável pelos lavabos, de acordo com os postulados do “cinema de câmara” – sem intertítulos, espacialmente concentrado –, o filme transcende a dimensão realista da questão económico-social em causa, aproximando-se de um aspecto simbólico, representado pela perda do uniforme pelo porteiro (a criação maior de Emil Jannings), assim reduzido a ser o “último dos homens”. Nas cópias originais, que os restauros respeitam, um epílogo em *happy-end* dá uma reviravolta ao sombrio final. A apresentar em cópia digital.

▶ Sábado [14] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sexta-feira [20] 22:30 | Esplanada

M

Matou!

de Fritz Lang

com Peter Lorre, Ellen Widmann, Gustav Gründgens, Otto Wernicke

Alemanha, 1931 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Poderosa obra-prima de Fritz Lang, no seu primeiro filme sonoro e em que o som tem uma importância capital. Mais do que a descrição de um “caso autêntico” (o “vampiro” de Dusseldorf, um assassino de crianças), Lang faz o retrato de uma Alemanha mergulhada na depressão económica e nas vésperas da chegada dos nazis ao poder. Originalmente intitulado “Os assassinos estão entre nós” (título que terá caído por receio da reação do partido nazi), o filme assinala também uma importante viragem na obra de Lang, que abandona com ele, e por muito tempo, os argumentos “folhetinescos” que tinham estado na origem de tantas das suas obras-primas. Peter Lorre no papel da sua vida. *Também programado no Ciclo “Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen em Correspondência | Jorge de Sena, Cendrada Luz” (ver entrada respetiva).*

▶ Segunda-feira [16] 18:30 | Sala Luís de Pina

▶ Terça-feira [17] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

RAZZIA IN ST. PAULI

“Rusga em St. Pauli”

de Werner Hochbaum

com Gina Falckenberg, Friedrich Gnaß, Wolfgang Zilzer, Charly Wittong

Alemanha, 1932 – 74 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Título do período final do cinema de Weimar, RAZZIA IN ST. PAULI, que estreou em maio de 1932 e foi alvo de censura em dezembro de 1933 pela sua “perspetiva socialista, evidente na canção final” dos estivadores, é considerado um dos grandes filmes de Werner Hochbaum, que antes assinara o igualmente notável BRÜDER (1929). Ambientado no bairro portuário homónimo de Hamburgo, RAZZIA IN ST. PAULI retrata o dia de uma rapariga que conhece um marinheiro em fuga à polícia com quem vive um amor de um dia, até ele ser capturado. “O fascínio do filme deriva da invulgar virtuosidade técnica de Hochbaum. As mudanças de registo têm lugar com uma subtilza e uma definição que inspira paralelos musicais: o sossego do quarto de Else, a agitação da vida noturna, a atividade na rua em horas tardias, a escalada do caos” (David Robinson). Primeira exibição na Cinemateca.

LUZ E ESPECTROS – CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

- ▶ Terça-feira [17] 18:30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Sexta-feira [27] 18:30 | Sala Luís de Pina

MORGEN BEGINNT DAS LEBEN

“A Vida Começa Amanhã”

de Werner Hochbaum

com Erich Haubmann, Hilde von Stolz, Harry Frank, Walter von Lennepe, Edith Schollwer

Alemanha, 1933 – 77 min / legendado eletronicamente em português | M/12

De 1933, é o filme mais tardio do programa, realizado no termo da República de Weimar mas considerado como “um canto de cisne às qualidades do cinema” desse período, concentrado na experiência visual da sua proposta. A utilização de imagens documentais, uma iluminação expressionista e uma montagem ousada, o minimalismo dos diálogos, fazem do filme de Werner Hochbaum um singular retrato de Berlim, composto à volta de um casal e seguindo os conflitos interiores das personagens que se procuram uma à outra no tumulto da cidade no dia em que uma delas sai da prisão. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Terça-feira [17] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DIE STRASSE

“A Rua”

de Karl Grune

com Eugen Klöpfer, Lucie Höflich, Anton Edthofer, Aud Egede-Nissen, Max Schreck

Alemanha, 1923 – 95 min / mudo, legendado eletronicamente em português | M/12

ACOMPANHADO AO PIANO POR DANIEL BRUNO SCHVETZ

Tido como uma precoce experiência “do cinema da rua” alemão, é um filme composto com um forte sentido visual que confere à cidade uma imagem pontuada pelo frenesim e o risco, associando o perigo à própria rua. Realizado por Karl Grune a partir de um argumento de Carl Mayer, com pouquíssimos intertítulos, DIE STRASSE segue um enredo de consequências trágicas, concentrando-se no périplo de uma noite de um homem de meia-idade que procura evadir-se à monotonia da sua vida, cruzando-o com outras personagens e linhas narrativas confluentes: a ligação entre um homem cego e o neto que perde na multidão, um campónio que vem passar uma noite à cidade. A alucinação interior, a atmosfera de pesadelo da cidade e o trabalho formal da mise-en-scène e recursos visuais como exposições múltiplas, planos subjetivos ou *inserts* fazem deste filme uma obra fundamental do cinema de Weimar. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Quarta-feira [18] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

INFLATION

de Hans Richter

Alemanha, 1928 – 3 min / mudo, sem intertítulos

DIE VERRUFENEN. DER FÜNFTEN STAND

“Bairros de Lata de Berlim”

de Gerhard Lamprecht

com Aud Egede-Nissen, Bernhard Goetzke, Mady Christians, Arthur Bergen

Alemanha, 1925 – 80 min / mudo, legendado eletronicamente em português
duração total da projeção: 83 min | M/12

ACOMPANHADO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

INFLATION é o ensaio cinematográfico que o vanguardista Hans Richter compõe à volta do motivo do dinheiro e da sua volatilidade, encadeando fotografias e técnicas de animação em *stop motion*. Argumentista e realizador prolífero entre as décadas de vinte e cinquenta, Gerhard Lamprecht (também ator, cinéfilo, colecionador de cinema, fundador e primeiro diretor da Deutsche Kinemathek) notabilizou-se pelas representações de Berlim nos seus filmes. DIE VERRUFENEN surpreende pelo realismo social que destila indo ao encontro do propósito do realizador, “a representação realista da vida no interior de um enredo cinematográfico”, aqui inspirada no trabalho do ilustrador e fotógrafo Heinrich Zille sobre a miséria das condições de vida da classe operária na Alemanha de Weimar. Zille surge numa sequência inicial, filmada no estúdio de Lamprecht, mas o filme foi maioritariamente rodado em exteriores e conta com vários atores não profissionais, destacando-se pela sua sensibilidade realista. A história conta o embate de um homem socialmente ostracizado quando sai da prisão onde cumpriu uma pena de vários anos por um crime que não cometeu. DIE VERRUFENEN é apresentado em cópia digital, numa primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Quarta-feira [18] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

FRÜHLINGS ERWACHEN. EINE KINDERTRAGÖDIE

“Despertar Primavera”

de Richard Oswald

com Mathilde Sussin, Toni van Eyck, Paul Henckels, Carl Balhaus

Alemanha, 1929 – 95 min / mudo, legendado eletronicamente em português | M/12

ACOMPANHADO AO PIANO POR DANIEL BRUNO SCHVETZ

Richard Oswald (nascido em Viena de Áustria em 1880), prolifera

ro realizador do cinema alemão a partir de 1914, escreveu e realizou os seus filmes no seio da produtora que fundou dois anos mais tarde e até ser forçado a fugir da Alemanha nazi. Do seu trabalho da época constam adaptações literárias, obras de registo não naturalista, filmes sobre a educação e a higiene sexual, um filme que lida com a homossexualidade masculina (ANDERS ALS DIE ANDERN, 1919), um “clássico” do terror (UNHEIMLICHE GESCHITEN, 1932). Adaptado da peça homónima de Frank Wedekind, FRÜHLINGS ERWACHEN é “uma tragédia sexual da juventude” que antecipa o espírito de mais tardios “*teenage movies*”, centrando-se em questões de costumes e sexualidade adolescente. O enredo parte da expulsão iminente de um rapaz do colégio em que é surpreendido com um ensaio intitulado “Vergonha e Luxúria”, e da gravidez de uma rapariga. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Quinta-feira [19] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

BRÜDER

“Irmãos” / “Docas de Hamburgo”

de Werner Hochbaum

com Gyula Balogh, Erna Schumacher, Ilse Berger

Alemanha, 1929 – 76 min / mudo, legendado eletronicamente em português | M/12

ACOMPANHADO AO PIANO POR DANIEL BRUNO SCHVETZ

Werner Hochbaum, cujos filmes foram elogiados pela crítica da sua época mas esquecidos durante décadas até à redescoberta da obra nos anos setenta, continua a ser algo secreto. “O cinema de Hochbaum é um cinema da melancolia, quando não desespero, eivado de energia e jovialidade. [...] Tanto na vida (1899-1946) como nos filmes, o realizador alemão era um homem que se situava entre ambições de vanguarda e oportunidades populares, o envolvimento político e idiosincrasias poéticas” (Joachim Schatz). BRÜDER foi financiado pelo Partido Social Democrata e pelos sindicatos de Hamburgo, em cuja zona portuária foi rodado com um elenco maioritariamente amador, alinhando com as representações da classe operária de outros filmes do cinema de Weimar, desde logo alguns dos que Hochbaum realizou ou LOHNBUCHHALTER KREMKE de Marie Harder. O enredo reflete a luta travada pelos trabalhadores das docas de Hamburgo no final do século XIX. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Sexta-feira [20] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Sexta-feira [27] 22:30 | Esplanada

DER BLAUE ENGEL

O Anjo Azul

de Josef von Sternberg

com Marlene Dietrich, Emil Jannings, Kurt Gerron, Hans Albers

Alemanha, 1930 – 110 min / legendado em português | M/12

Obra de transição dos anos vinte para os anos trinta do século XX, com uma banda sonora, e canções de capital importância dramática, revelou Marlene Dietrich, ao lado de Emil Jannings, no primeiro dos sete filmes da sua lendária colaboração de cinco anos com Josef von Sternberg. Com uma imagem mais crua do que a que viria a assumir em Hollywood, a sua Lola-Lola (“Dos pés à cabeça, sou feita para o amor”, canta ela) entrou para a galeria dos mitos criados pelo cinema. Adaptado de um romance de Heinrich Mann, o filme segue a história da vil desgraça de um professor apaixonado por uma cantora de cabaret, mas também a escuridão que a esta está reservada.

- ▶ Sexta-feira [20] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

METROPOLIS

Metrópolis

de Fritz Lang

com Alfred Abel, Brigitte Helm, Rudolf Klein-Rogge, Gustav Fröhlich, Fritz Rasp

Alemanha, 1927 – 145 min / mudo (com banda musical), com intertítulos em alemão legendados eletronicamente em português

Dos filmes mais célebres de sempre, METROPOLIS é uma parábola sobre as relações sociais numa cidade do futuro. Os privilegiados vivem nas alturas, enquanto a massa de trabalhadores oprimidos vive nos subterrâneos, trazendo o desfecho uma reconciliação artificial entre as classes. O que faz de METROPOLIS uma obra-prima é a realização de Fritz Lang, os impressionantes e excecionais cenários futuristas, o domínio absoluto das massas de figurantes, a oposição entre homens e máquinas. É uma obra de múltiplos restauros, conhecida pela mutilação a que foi submetida logo depois da sua estreia em Berlim em janeiro de 1927. A apresentar na versão do último restauro, de 2010, com mais 25 minutos de duração (a partir da descoberta, na cinemateca da Argentina, de uma cópia 16 mm conforme à versão original de Lang), e pode permitir uma nova visão da obra, segundo o historiador e arquivista Martin Koerber, responsável pelos restauros de 2001 e de 2010: “Deixou de ser um filme de ficção científica. O equilíbrio da história foi re-posto. Trata-se agora de um filme que abarca muitos géneros; um épico sobre conflitos antigos. A máscara da ficção científica é agora muito, muito ténue.” A apresentar em cópia digital.

- ▶ Segunda-feira [23] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [25] 18:30 | Sala Luís de Pina

NERVEN

“Nervos”

de Robert Reinert

com Eduard von Winterstein, Lia Borré,

Erna Morena, Paul Bender, Lili Dominici

Alemanha, 1919 – 110 min / mudo (com banda musical), legendado eletronicamente em português | M/12

Escrito, produzido e filmado em exteriores, em Munique, por Robert Reinert no mesmo ano de CALIGARI, NERVEN reflete “o fermento explosivo que a guerra e a miséria desencadeiam nas pessoas” à imagem de uma epidemia nervosa. Considerado como um importante documento da vida da Alemanha da época, a história descreve casos de personagens provenientes de diferentes extratos sociais. “NERVEN devia ter entrado no cânone expressionista. Os seus temas refletem o movimento do ataque pós-romântico ao capitalismo e a conceção moderna da alma angustiada. [...] Reinert consegue uma imagem única sem recurso aos cenários pintados de CALIGARI, utilizando outros recursos cinematográficos de modo singular” (David Bordwell). A apresentar em cópia digital resultante de um restauro recente do Filmmuseum München que devolveu ao filme a visibilidade negada durante largos anos. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [23] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

INS BLAUE HINEIN

“Para o Azul”

de Eugen Schüfftan

com Toni van Eyck, Carl Balhaus, Aribert Mog, Theo Lingner

Alemanha, 1929 – 35 min / legendado eletronicamente em português

MENSCHEN AM SONNTAG

“Pessoas ao Domingo”

de Curt e Robert Siodmak, Edgar G. Ulmer, Fred Zinnemann

com Erwin Spletstosser, Brigitte Borchert,

Wolfgang von Waltershausen

Alemanha, 1929 – 74 min / mudo (versão sonorizada), intertítulos em alemão, legendados em inglês e eletronicamente em português
duração total da projeção: 109 min | M/12

MENSCHEN AM SONNTAG, “um filme de e para amadores”, é o célebre filme cooperativo que revelou uma série de nomes de que a história do cinema iria guardar boa memória – além dos citados como realizadores, ainda Billy Wilder (no argumento) e Eugen Schüfftan (na fotografia). Rodado com atores amadores, segue as vidas de um punhado de berlinenses ao longo de uma sucessão de domingos. A despreocupação e o lazer contrastam com as sombras perfiladas no horizonte, num filme que é um extraordinário documento sobre a “vida quotidiana” na Berlim do final da década de vinte do século XX, uma obra seminal realizada no espírito da República de Weimar que influenciaria gerações de cineastas em todo o mundo. A sessão abre com o recentemente descoberto INS BLAUE HINEIN, realizado por Eugen Schüfftan, a mostrar numa primeira exibição na Cinemateca. MENSCHEN AM SONNTAG é apresentado em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [24] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

- ▶ Sexta-feira [27] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

KAMERADSCHAFT

A Tragédia da Mina

de Georg Wilhelm Pabst

com Alexander Granach, Daniel Mendaille, Georges Charlia

Alemanha, 1931 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Último título da chamada “Trilogia Social” de Pabst, sucedendo a DIE REIGROSCHENOPER / “A ÓPERA DOS 3 VINTÉNS” e WESTFRONT 1918, realizado mais de uma década após a Primeira Guerra Mundial a partir do caso verídico do desastre ocorrido em 1906, nas minas de Courrières, quando trabalhadores alemães socorreram mineiros franceses soterrados. A TRAGÉDIA DA MINA, um filme bilingue (franco-alemão), é uma obra pacifista, que apela à solidariedade entre os povos, e também à solidariedade entre os membros da classe operária. Encenação sóbria e magnífica de Pabst do drama filmado em cenários reais e interiores construídos em estúdio. As cenas da rotina do trabalho na mina, do desastre e operações de salvamento nas galerias evocam poderosamente o espaço de um mundo concentracionário. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [26] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DIE BÜCHSE DER PANDORA

A Boceta de Pandora

de Georg Wilhelm Pabst

com Louise Brooks, Fritz Kortner, Francis Lederer

Alemanha, 1929 – 108 min / mudo (com banda musical), legendado eletronicamente em português | M/12

Vagamente baseado no díptico de peças do dramaturgo alemão Frank Wedekind (*Erdgeist*, 1895; *Die Büchse der Pandora*, 1904),

é um filme mítico da história do cinema, aquele que esteve na origem de outro dos grandes mitos dessa história: Louise Brooks, no papel de Lulu, que também é a personagem titular da ópera de Alban Berg. DIE BÜCHSE DER PANDORA, com os seus temas e alusões explícitas, é um dos apogeuos do erotismo no cinema e um dos pontos altos da “arte muda”. Em 1958, no curso de uma grande homenagem à então inteiramente esquecida Louise Brooks, Henri Langlois defendia: “A arte dela é tão natural que a câmara parece tê-la captado sem que ela se apercebesse.” É também reconhecida como uma figura luminosa do Cinema de Weimar, e o filme de Lulu, mulher fatal com silhueta de menina, um dos seus títulos incontornáveis, tematicamente enredado no sexo, no poder e no dinheiro. A apresentar em cópia digital.

▶ Segunda-feira [30] 18:30 | Sala Luís de Pina

MARKT IN BERLIN

“Mercado em Berlim”

de Wilfried Basse

Alemanha, 1929 – 18 min / legendado eletronicamente em português

DAS LIED VOM LEBEN

“A Canção da Vida”

de Alexis Granowsky

com Aribert Mog, Margot Ferra, Elsa Wagner, Ernst Busch

Alemanha, 1931 – 55 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 73 min | M/12

Wilfried Basse filma o mercado semanal ao ar livre de Wittenbergplatz como um território de convivência do espaço urbano e rural no centro de Berlim, observando o seu movimento e protagonistas, vendedores e clientes. DAS LIED VOM LEBEN é descrito como um filme sonoro experimental inspirado pelo surrealismo francês, com canções de Walter Mehring e Hanns Eisler, que foi particularmente controverso quando estreou por causa da cena de uma cesariana que, apesar de elíptica, causou furor. Originalmente aprovado para ser visto apenas por “profissionais da medicina”, o filme de Alexis Granowsky provocou uma batalha com a censura e a defesa inflamada de personalidades como Carl von Ossietzky que em 1931 viu nele uma obra de vanguarda, “uma rapsódia lírica sobre a vida e o destino”, “um hino a um mundo muito melhor do que a sociedade que os pobres humanos erigiram como prisão”. A protagonista é uma jovem mulher que recusa casar com o barão rico em que a família empobrecida depositava esperanças, e se apaixona pelo homem que a salva de uma tentativa de suicídio, de quem engravida. Primeiras exposições na Cinemateca.

▶ Segunda-feira [30] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DIE AUSTERNPRINZESSIN

A Princesa das Ostras

de Ernst Lubitsch

com Victor Janson, Ossi Oswalda, Harry Liedtke, Julius Falkenstein

Alemanha, 1919 – 62 min / mudo (com banda musical), intertítulos em

alemão, legendados em português | M/12

Se THE MARRIAGE CIRCLE (1924) foi o filme americano que crismou o “Lubitsch touch”, de 1919, alemão (como DIE PUPPE ou MADAME DUBARRY), A PRINCESA DAS OSTRAS foi considerado pelo próprio Lubitsch o primeiro filme indicativo do seu estilo pessoal em esboço. Ele está na caracterização da personagem da caprichosa “princesa”, a filha mimada de um milionário americano, e na fabulosa construção do argumento, uma comédia em quatro atos, ou ainda, no erotismo da cena do banho de Ossi e na imagem voyeur da espreitadela num buraco de fechadura. Lubitsch, que trabalhara como ator sob a direção de Max Reinhardt poucos anos antes e que em 1922 seguiria para os Estados Unidos, era então apelidado “o realizador americano de Berlim”. Sem que a cidade seja identificada, é aí que é filmada esta história em que dinheiro e decadência andam a par e a agitação social se faz sentir. E em que são visíveis admiráveis “coreografias de multidão”, como a sequência do baile paralelamente filmado nos passos distintos dos senhores e dos criados de uma mesma mansão. A apresentar em cópia digital.

CENTENÁRIO DE JENNIFER JONES

Em março deste ano cumpriram-se cem anos sobre o nascimento de Jennifer Jones, uma das mais lendárias e carismáticas stars da Hollywood dos anos quarenta e cinquenta. Fogosa e insolente, imagem de marca que filmes como DUEL IN THE SUN ergueram à condição de *sex symbol*, Jennifer Jones era uma atriz versátil e plena de recursos, tão à vontade no melodrama ou no romanesco histórico como na comédia – e CLUNY BROWN, o seu papel para Lubitsch, é mesmo uma das suas interpretações mais inesquecíveis. Evocamo-la, pensando sobretudo nas noites de final de verão na Esplanada, através de seis filmes que ilustram as várias facetas da atriz, e em que se inclui aquele que terá sido o seu último grande papel, no derradeiro e sublime filme de Henry King, TENDER IS THE NIGHT.

▶ Segunda-feira [2] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sexta-feira [6] 22:30 | Esplanada

CLUNY BROWN

O Pecado de Cluny Brown

de Ernst Lubitsch

com Jennifer Jones, Charles Boyer, Richard Haydn,

Peter Lawford, Una O'Connor

Estados Unidos, 1946 – 100 min / legendado em português | M/12

CLUNY BROWN, último filme de Lubitsch (THAT LADY IN ERMINE foi completado por Preminger), é uma obra corrosiva sobre uma jovem canalizadora que, por via da profissão, conhece um escritor polaco por quem se apaixona. Os tradutores portugueses que acrescentaram o “pecado” ao título lá teriam as suas razões. “Este é o filme de Lubitsch em que a câmara menos se move e em que o vazio ocupa mais lugar. Cineasta tão ligado ao prazer e à carne, é sintomático que tenha terminado filmando o tabu desse prazer e dessa carne, ou o grande escândalo – o pecado – da sua jamais pacífica coexistência” (João Bénard da Costa).

▶ Terça-feira [3] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sábado [7] 22:30 | Esplanada

DUEL IN THE SUN

Duelo ao Sol

de King Vidor

com Gregory Peck, Jennifer Jones, Joseph Cotten,

Lionel Barrymore, Lillian Gish, Harry Carey

Estados Unidos, 1946 – 129 min / legendado em português | M/12

A mais famosa produção de Selznick depois de GONE WITH THE WIND. Também aqui os realizadores se sucederam, mas a marca de King Vidor predomina sobre a breve passagem dos restantes (Sternberg e Dieterle). Há quem diga que o delirante final foi dirigido pelo próprio Selznick, com a intenção de valorizar a personagem de Jennifer Jones. A sensualidade domina este singular western sobre uma mestiça disputada pelos dois filhos de um grande rancheiro do Texas. A narração inicial (sobre Pearl, a “flor selvagem”) é feita por Orson Welles, não creditado no genérico.

▶ Quarta-feira [4] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sexta-feira [13] 22:30 | Esplanada

MADAME BOVARY

Madame Bovary

de Vincente Minnelli

com Jennifer Jones, Van Heflin, James Mason, Louis Jourdan

Estados Unidos, 1949 – 114 min / legendado em português | M/12

Flaubert por Minnelli, com Jennifer Jones no papel de uma das mais célebres personagens femininas da literatura. A adaptação de Minnelli, típica de Hollywood, foi controversa, levando um crítico francês a escrever: “Há duas espécies de pessoas: as que acham que *Madame Bovary* é um romance de Flaubert e as que acham que é um filme de Minnelli.” A sequência do baile é um dos mais celebrados momentos do cinema do realizador.

▶ Quinta-feira [5] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sábado [14] 22:30 | Esplanada

WE WERE STRANGERS

de John Huston

com John Garfield, Jennifer Jones, Pedro Armendariz,

Gilbert Roland, Ramon Navarro

Estados Unidos, 1949 – 106 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O cenário é Cuba em 1930 sob a ditadura, pano de fundo para uma história de fracasso, tão típica de Huston. John Garfield é um americano que se liga a um grupo de rebeldes cubanos para a preparação de uma revolta, tendo como ponto de partida o atentado a um ministro. WE WERE STRANGERS foi visto, à época, como “uma peça de propaganda”, capitalista ou comunista, consoante as perspetivas, mas não à imagem da alegoria política contra a House Un-American Activities Committee imaginada com desentanto por Huston. Na Cinemateca, não é mostrado desde 2009.

▶ Sexta-feira [6] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sábado [21] 22:30 | Esplanada

TENDER IS THE NIGHT

Terna é a Noite

de Henry King

com Jennifer Jones, Jason Robards Jr., Joan Fontaine, Tom Ewell, Paul Lukas

Estados Unidos, 1961 – 146 min / legendado em espanhol e eletronicamente

em português | M/12

Último filme de Henry King. Adaptação do clássico romance de F. Scott Fitzgerald, sobre a relação de um brilhante psiquiatra que casa com a paciente que tratara, a rica Jennifer Jones. Uma evocação poética da “geração perdida” de Fitzgerald.

▶ Segunda-feira [9] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sábado [28] 22:30 | Esplanada

STAZIONE TERMINI

Estação Terminus

de Vittorio De Sica

com Jennifer Jones, Montgomery Clift, Gino Cervi, Richard De Beyer

Itália, 1954 – 87 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Internacionalização da carreira de Vittorio De Sica com vedetas de Hollywood, com Jennifer Jones à cabeça para uma história de tipo “neorrealista” escrita por Zavattini, que decorre quase integralmente na Estação Terminus de Roma. Nela se despedem uma americana em férias e o seu jovem amante, nela se evoca o romance que tiveram.



DUEL IN THE SUN

QUEER LISBOA 23

em colaboração com o Queer Lisboa – Festival Internacional de Cinema Queer 2019

A Cinemateca colabora com o Queer Lisboa, desde a sua primeira encarnação como Festival Gay e Lésbico de Lisboa, que recua a 1997. Nesta sua 23ª edição, o Queer Lisboa homenageia a secção Panorama do Festival Internacional de Cinema de Berlim, com uma série de filmes que ali foram apresentados ou que refletem o espírito de abertura estética e política da secção da Berlinale. Sobre o motivo e o sentido desta homenagem, transcreve-se o texto “Queer Lisboa convida o Berlinale Panorama 40”, de Wieland Speck, realizador, fundador do Teddy Award, curador do Panorama 1993-2017, no Festival Internacional de Berlim, de quem está programado um filme nesta edição do Queer e que estará na Cinemateca a apresentá-lo.

“Em 1980, o recém-endossado diretor do Festival Internacional de Cinema de Berlim complementou a Competição da Berlinale com uma secção desenhada para acolher uma maior liberdade artística na sua seleção de filmes. Esta nova parte do festival pretendia-se mais aberta ao radical e devia espelhar as inovações que influenciaram o cinema durante a década de 1970. Esse foi um período em que as subculturas inspiravam a sociedade, as teorias de emancipação começavam a ser postas à prova e, em lugar da normatividade – tida até então como o maior bem das sociedades democráticas do pós-Guerra – as alternativas à mesma eram agora vistas como desejo maior. Manfred Salzgeber, cofundador da secção Forum da Berlinale, foi chamado a dirigir este novo programa. Logo no seu ano inaugural, apresentou filmes feministas, gay, lésbicos e de outros paradigmas alternativos, complementando e mesmo opondo-se ao *mainstream*. A sua seleção de filmes viria a inspirar aqueles que sentiam a necessidade de criar mudanças na sociedade tal como estava, tornando-a num lugar habitável para as minorias e para todos aqueles que queriam pensar mais além.

40 anos de Panorama é a ocasião perfeita para, numa colaboração entre a 23.ª edição do Queer Lisboa e a Cinemateca Portuguesa, propor um olhar retrospectivo sobre um conjunto de filmes que permitem um entendimento da alma e substância deste programa, e um impressionante conjunto de nomes que preencheram esses 40 anos, de Tsai Ming-Liang a Lasse Hallström, passando por Isaac Julien e Monika Treut, entre muitos outros.”

► Sábado [21] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

SELF-PORTRAIT IN 23 ROUNDS: A CHAPTER IN DAVID WOJNAROWICZ'S LIFE, 1989-91

de Marion Scemama, François Pain
com David Wojnarowicz

França, 2018 – 78 min / legendado em português | M/16

com a presença de Marion Scemama e François Pain

Pintor, cineasta, escritor, performer e fotógrafo, David Wojnarowicz (1954-1992) foi uma das principais personalidades da cena artística nova-iorquina dos anos oitenta. Wojnarowicz também foi um artista comprometido e um ativista na luta contra a sida: para protestar contra a inércia do governo de George W. Bush no combate à epidemia, espalhou as cinzas do seu companheiro diante da Casa Branca. Numa entrevista conduzida em 1989 pelo teórico cultural Sylvère Lotringer, fala abertamente sobre os momentos íntimos da sua vida, o processo criativo, a sexualidade, a sida e a aceitação da sua própria morte. Marion Scemama, que era amiga íntima de Wojnarowicz, filmou a entrevista e criou este ensaio a partir dos arquivos privados do artista. Primeira exibição na Cinemateca.

► Segunda-feira [23] 18:30 | Sala Luís de Pina

BLUE DIARY

de Jenni Olson
com Silas Howard

Estados Unidos, 1997 – 6 min / legendado em português

MAX

de Monika Treut
com Max Wolf Valerio

Alemanha, 1992 – 27 min / legendado em português

SPLIT – WILLIAM TO CHRYSIS: PORTRAIT OF A DRAG QUEEN

de Ellen Fisher Turk, Andrew Weeks
com International Crisis, Brian Belovitch, David Burns

Estados Unidos, 1992 – 58 min / legendado eletronicamente português

duração total da projeção: 91 min | M/16

A americana Jenni Olson é especialista em cinema LGBT e fundadora de uma mostra *online* de curtas-metragens. No seu BLUE DIARY, uma mulher lésbica passa uma noite com uma mulher heterossexual. Na manhã seguinte, tem de se confrontar com a frustração das suas expectativas. Monika Treut é uma das mais conhecidas cineastas e ativistas alemãs da sua geração. Em MAX, um dos seus muitos documentários, vemos um nativo americano transexual narrar a sua jornada para se tornar um homem heterossexual depois de ter sido uma mulher lésbica. SPLIT – WILLIAM TO CHRYSIS: PORTRAIT OF A DRAG QUEEN é um retrato de uma celebridade nova-iorquina, International Crisis, “mulher da cintura para cima, homem da cintura para baixo”, que passou de trabalhadora do sexo a vedeta dos *night-clubs* de Nova Iorque, pisou os palcos da Broadway e foi íntima de Salvador Dalí, antes de morrer devido a uma fuga de silicone num dos seus implantes mamários. Primeiras exposições na Cinemateca, a apresentar em cópias digitais.

► Terça-feira [24] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE ATTENDANT

de Isaac Julien

com Thomas Baptiste, Cleo Sylvestre, John Wilson

Reino Unido, 1993 – 8 min / legendado eletronicamente em português

DADDY AND THE MUSCLE ACADEMY

de Ilppo Pohjola

com Tom of Finland, Robert Henry Mizer, Nayland Blake

Finlândia, 1991 – 55 min / versão original em finlandês e inglês, legendada eletronicamente em inglês e português

JEAN GENET IS DEAD

de Constantine Giannaris

com Steven McLean, Rafael Penal

Reino Unido, 1987 – 33 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 95 min | M/16

Um programa que reúne três figuras célebres e díspares. Nascido em 1960, negro e homossexual, Isaac Julien é um dos nomes mais conhecidos do cinema independente britânico, mais precisamente do *queer cinema*, tendo também feito incursões no cinema comercial. Em THE ATTENDANT, o guardião de um museu tem fantasias sadomasoquistas ao contemplar um quadro em que se veem escravos a serem açoitados. Touko Valio Laaskonen (1920-1991) criou um dos grandes ícones gays do último quartel do século XX – Tom of Finland, o pseudónimo que o tornou mundialmente conhecido e que é também o título de uma banda desenhada pornográfica e humorística, na qual todos os homens são hiper-musculosos e estão em atividade sexual permanente. O filme de Ilppo Pohjola é um documentário composto por uma entrevista do próprio Tom of Finland, entremeada com “recriações” de cenas das suas bandas desenhadas, que não atingem, no entanto, a pornografia *hard* dos originais. JEAN GENET IS DEAD, do australiano Constantine Giannaris, tem como ponto de partida os romances *Diário de um Ladrão* e *O Milagre da Rosa*. Num contexto áspero e carcerário, surge uma imagem explosiva de desejo e esperança pela liberdade. Os filmes de Ilppo Pohjola e Constantine Giannaris são primeiras exposições na Cinemateca, a apresentar em cópias digitais.

► Quarta-feira [25] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

DAS GERÄUSCH RASCHER ERLÖSUNG

“O Som de um Alívio Rápido”

de Wieland Speck

com Reiner Hirsekorn, Andreas Bernhardt, Kurt Hübner, Zazie de Paris

Alemanha Federal, 1982 – 28 min / sem diálogos

STO DINEI DO PRIZAKA

“Cem Dias Antes do Comando”

de Khusein Erkenov

com Vladimir Zamansky, Armen Djigarkhanyan, Oleg Vasilkov

União Soviética, 1990 – 67 min / legendado eletronicamente em inglês e português

duração total da projeção: 95 min | M/16

com a presença de Wieland Speck

Este programa reúne duas obras de ficção, realizadas em contextos muito diferentes. Nascido em 1951, Wieland Speck realizou dez filmes entre 1981 e 2000, seguindo em paralelo uma carreira de ator, cuja atividade mantém. Em DAS GERÄUSCH



DADDY AND THE MUSCLE ACADEMY

RASCHER ERLÖSUNG, um jovem tenta organizar um encontro com aquele que é objeto do seu desejo. Mas os telefonemas ficam sem resposta. Só lhe restam uma bebida, a sua cama e as suas fantasias. Em STO DINEI DO PRIZAKA, do uzbeque Khusein Erkenov, cinco jovens soldados soviéticos são submetidos a um ciclo de violência constante. Ainda assim, conseguem criar momentos de intimidade. O filme de Wieland Speck é apresentado pela primeira vez na Cinemateca, ao passo que o de Khusein Erkenov foi mostrado em setembro de 1997, no primeiro Festival Gay e Lésbico de Lisboa, o ancestral do Queer Lisboa. À época, Manuel Cintra Ferreira viu no filme “a sombra de Tarkovsky, não só no tema como na forma. Não nos planos-sequência, mas na fotografia, que procura reforçar as características psicológicas e/ou oníricas da narrativa. Neste campo, STO DINEI DO PRIZAKA contém momentos muito belos”. A apresentar em cópias digitais.

► Quinta-feira [26] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

MITT LIV SOM HUND

Vida de Cão

de Lasse Hallström

com Anton Glauzelius, Thomas von Brömssenn, Anki Lidén

Suécia, 1985 – 101 min / legendado eletronicamente em inglês e português | M/16

Vindo dos vídeo-clips, género em que muito trabalhou nos anos setenta para os seus então celeberrimos compatriotas dos Abba, Lasse Hallström obteve reconhecimento internacional com VIDA DE CÃO. Numa pequena cidade sueca em 1959, Ingemar, de 12 anos, vive com o cão, o irmão e a mãe, que sofre de tuberculose. Quando a saúde dela se deteriora, Ingemar vai morar com o tio no campo. Cheio de saudades, regressa às lembranças da sua família, oscilando entre a tristeza e as memórias felizes. Até que conhece Saga, uma maria-rapaz entusiasta do boxe e juntos embarcam numa amizade que desperta sentimentos inesperados. Primeira exibição na Cinemateca.

► Sexta-feira [27] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

CHING SHAO NIEN NA CHA / REBELS OF A NEON GOD

Os Rebeldes do Deus Neon

de Tsai Ming-Liang

com Chao-Jung Chen, Chang-Bin Jen, Kang-Sheng Lee, Hsiao-Ling Lu

Taiwan, 1992 – 106 min / legendado em inglês e eletronicamente em português | M/16

Nascido em 1957 na Malásia, de pais chineses, e educado em Taiwan, Tsai Ming-Liang é um dos cineastas mais conceituados da sua geração. Em OS REBELDES DO DEUS NEON, um rapaz introvertido, que abandonou os estudos, passa o dia a vaguear e acaba por seguir um delinquente, sendo atraído para o mundo dos escuros motéis de Taipé. O filme foi apresentado na Cinemateca em 2001, no âmbito do 5º Festival Gay e Lésbico de Lisboa, o ancestral do Queer Lisboa, ano em que Tsai Ming-Liang foi objeto de uma retrospectiva. “Todos os traços, estilísticos e temáticos, que caracterizam a sua obra já se encontravam neste primeiro filme; e nem se trata daqueles casos em que semelhante afirmação deva ser acompanhada pela expressão ‘em embrião’, porque tudo está já perfeitamente definido e, diríamos mesmo, desenvolvido”, observou à época Luís Miguel Oliveira. A apresentar em cópia digital.

► Sábado [28] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

SESSÃO ESPECIAL

MISTER LONELY

de Harmony Korine

com Diego Luna, Samantha Morton, Denis Lavant, James Fox

Estados Unidos, 2007 – 112 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Menino-prodígio (realizou GUMMO aos 23 anos) e *bad boy* do “cinema independente” americano, Harmony Korine é uma das personalidades mais fortes e “incorretas” da sua geração. Em MISTER LONELY, um músico das ruas de Paris acaba numa comuna na Escócia habitada por pessoas que “personificam” celebridades, como Charles Chaplin, Abraham Lincoln, Madonna e James Dean. Todos sonham organizar um espetáculo de gala. Em paralelo, há uma segunda história com um grupo de freiras que faz parte de um núcleo caritativo no Panamá. Uma delas cai de um avião e sobrevive, fazendo crer num milagre. Foi o primeiro filme do realizador depois de oito anos de ausência. Primeira exibição na Cinemateca.

DOUBLE BILL

No “Double Bill” deste mês propomos quatro programas distintos. O primeiro é composto por dois filmes póstumos: L'INNOCENTE de Luchino Visconti e SE EU FOSSE LADRÃO ROUBAVA de Paulo Rocha. Em ambos os casos, estando os respetivos realizadores gravemente doentes, a conclusão dos filmes foi uma corrida contra a morte. Os filmes foram terminados mas os autores já não assistiram à estreia. Com o segundo programa pretende-se (mais uma vez) chamar a atenção para um cineasta injustamente esquecido, muito pouco visto e ainda menos falado: Tay Garnett. São exibidos ONE WAY PASSAGE e DESTINATION UNKNOWN (este, em estreia absoluta na Cinemateca). No terceiro programa propomos uma sessão dedicada a Jennifer Jones, por ocasião do centenário do seu nascimento e em rima com o Ciclo que o assinala, mostrando A PORTRAIT OF JEANNIE e, pela primeira vez na Cinemateca, THE MAN IN THE GREY FLANNEL SUIT. Finalmente, no último programa, dois documentários sobre dois projetos de filmes que, por razões muito distintas, nunca viram a luz do dia: THE EPIC THAT NEVER WAS, sobre I CLAUDIUS, de Josef von Sternberg, e TIGRERO: A FILM THAT WAS NEVER MADE sobre um projeto que Samuel Fuller pretendia rodar na Amazônia. Se do primeiro ainda foram filmadas algumas sequências, do segundo, nem isso.

► Sábado [7] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'INNOCENTE

O Intruso

de Luchino Visconti

com Giancarlo Giannini, Jennifer O'Neill, Laura Antonelli, Rina Morelli
Itália, 1976 – 129 min / legendado em francês e eletronicamente em português

SE EU FOSSE LADRÃO... ROUBAVA

de Paulo Rocha

com Isabel Ruth, Luís Miguel Cintra, Márcia Breia, Chandra Malatitch, Raquel Dias, Carla Chambel, Joana Bárcia, Miguel Moreira, Norberto Barroca

Portugal, 2012 – 87 min

duração total da projeção: 216 min | M/12

entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

O último filme de Luchino Visconti, que pela primeira vez adapta uma obra de Gabriele d'Annunzio, é uma perturbante incursão num mundo aristocrático em decomposição, fechado ao exterior e onde cada um procura satisfazer os seus caprichos de forma egoísta e sem responsabilidades. Em L'INNOCENTE, Tullio (Giannini) chega ao ponto de provocar a morte do filho recém-nascido, num processo que, de forma enfática, o leva a tomar o destino nas próprias mãos. Partindo da memória familiar e de material vindo da sua obra cinematográfica, Paulo Rocha revisita as suas origens e as referências maiores da sua vida e do seu cinema, numa construção complexa que é conscientemente testamental, embora só diretamente autobiográfica. O motor inicial de SE EU FOSSE LADRÃO... ROUBAVA é a evocação da infância e juventude do pai do autor, em particular o sonho obsessivo deste, na altura partilhado por muitos, de emigrar para o Brasil, para onde partiu efetivamente em 1909. Mas este tema familiar cruza-se desde o início com o grande mundo da obra de Rocha, num puzzle de raccords temáticos que se dirige para dentro e para trás (a busca do centro ou da origem...) tanto quanto para fora (a constante ampliação de sentido, a identidade de um país). Paulo Rocha fala portanto da sua própria necessidade de partir, e da interrogação de Portugal através da distância, assim como fala da morte, mas também da doença e de um medo tornados endémicos, corrosivos de um país.

► Sábado [14] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

DESTINATION UNKNOWN

de Tay Garnett

com Pat O'Brien, Ralph Bellamy, Alan Hale Sr., Russell Hopton, Tom Brown
EUA, 1933 – 66 min / legendado eletronicamente em português

ONE WAY PASSAGE

O Bilhete de Ida e Volta

de Tay Garnett

com William Powell, Kay Francis, Aline Mac Mahon, Frank McHugh

Estados Unidos, 1932 – 68 min / legendado em português

duração total da projeção: 134 min | M/12

entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

Filme a redescobrir do período pré-Código Hays, DESTINATION UNKNOWN, de Tay Garnett (ele que filmou várias histórias no mar), segue a aventura inebriante de um grupo de pessoas perdidas no meio do oceano: a bordo de uma embarcação com um carregamento ilegal de whisky, e num clima de tensão, os tripulantes acabam por ver as suas vidas postas em perigo por uma tempestade. ONE WAY PASSAGE é um filme romântico em que Tay Garnett põe em contracena as personagens de William Powell, fugitivo à justiça, e a jovem fatalmente doente, representada por Kay Francis: apaixonam-se no desconhecimento dos seus destinos condenados e, quando deles ficam cientes, escolhem ambos calá-los, marcando um encontro que sabem de antemão ser impossível para qualquer deles. TIIL WE MEET AGAIN, de Edmund Goulding foi o remake desta obra, com Merle Oberon e George Brent, em 1940. A apresentar em cópias digitais. DESTINATION UNKNOWN é uma primeira exibição na Cinemateca.

► Sábado [21] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

PORTRAIT OF JENNIE

O Retrato de Jennie

de William Dieterle

com Jennifer Jones, Joseph Cotten, Ethel Barrymore, Cecil Kellaway

Estados Unidos, 1948 – 83 min / legendado eletronicamente em português | M/12

THE MAN IN THE GRAY FLANNEL SUIT

O Homem do Fato Cinzento

de Nunnally Johnson

com Gregory Peck, Jennifer Jones, Fredric March

EUA, 1956 – 163 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 246 min | M/12

entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos

Justamente considerado como uma das obras-primas de um cinema de inspiração onírica e surrealista, PORTRAIT OF JENNIE é a história de um amor intemporal (e da obsessão de um homem por uma mulher), para lá de todas as barreiras físicas e racionais. Jennifer Jones e Joseph Cotten são assombrosos, num filme celebrado e louvado pelos surrealistas. Produzido por David O. Selznick, atraído pelo romance de Robert Nathan (1940) que o argumento adapta, para assentar como uma luva a Jennifer Jones, foi rodado em exteriores a preto e branco e termina com a sequência em technicolor do “retrato de Jennie”. Mais conhecido pelo seu percurso de produtor, em Hollywood, entre as décadas de trinta e cinquenta, Nunnally Johnson foi também autor, enquanto realizador, de oito filmes. Este, THE MAN IN THE GRAY FLANNEL SUIT (filmado em CinemaScope), aborda os problemas de um ex-soldado (Gregory Peck) na sua reintegração na sociedade e vida familiar (com Jennifer Jones no papel da sua mulher). Tal como o livro que adapta, o filme tornar-se-ia num fenómeno popular do seu tempo.

► Sábado [28] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE EPIC THAT NEVER WAS

de Bill Duncalf

com Dirk Bogarde, John Armstrong, Eileen Corbett,

Robert Graves, Sarah Jennings

Reino Unido, 1965 – 74 min / legendado eletronicamente em português

TIGRERO: A FILM THAT WAS NEVER MADE

de Mika Kaurismäki

com Jim Jarmusch, Samuel Fuller

Finlândia, Brasil, Alemanha, 1994 – 75 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 149 min | M/12

entre os dois filmes há um intervalo de 10 minutos

O documentário de Bill Duncalf, uma investigação de arqueologia cinematográfica, relata a história da produção abortada de 1937 de I, CLAUDIUS, um dos filmes malditos mais famosos de sempre, cujas imagens sobreviventes integra. A ideia de I, CLAUDIUS terá sido de Marlene Dietrich, a produção era de Alexander Korda, a realização de Sternberg e os protagonistas Charles Laughton (Claudius), Emylly Williams (Calígula), Flora Robson (Livia) e Merle Oberon (Messalina). As razões da interrupção das filmagens, ordenada por Korda, nunca foram totalmente esclarecidas. THE EPIC THAT NEVER WAS coloca o conjunto das hipóteses, dá a ver entrevistas aos intervenientes sobreviventes, entre os quais Sternberg, e propõe-se como um tributo a Charles Laughton. Em TIGRERO: A FILM THAT WAS NEVER MADE, Samuel Fuller e Jim Jarmusch seguem o rasto de um filme que o primeiro começou a preparar em 1954, mas nunca acabou. Ter-se-ia chamado TIGRERO e era um filme sobre caçadores de jaguares algures no Mato Grosso. Fuller conduz Jarmusch numa visita aos lugares por onde andou 40 anos antes, incluindo algum do pouco material filmado nessa altura. O realizador é Mika Kaurismäki, irmão de Aki.

MELODRAMAS / HISTÓRIAS DO CINEMA, POST-SCRIPTUM

No passado mês de junho, o Ciclo “O Esplendor do Melodrama” foi completado por cinco sessões-conferência de Mário Jorge Torres sobre o tema “O Melodrama do Trágico ao Operático”, em que, por sua escolha, se apresentaram MAGNIFICENT OBSESSION de Douglas Sirk, VAGHE STELLE DELL'ORSA... de Luchino Visconti, YOSHIWARA de Max Ophuls, WHEN TOMORROW COMES de John M. Stahl e I'VE ALWAYS LOVED YOU de Frank Borzage. Devido à afluência de público para a projeção de YOSHIWARA e ao facto de a cópia 35 mm de I'VE ALWAYS LOVED YOU, proveniente da UCLA, ter ficado retida na alfândega, estes dois filmes são novamente programados como uma extensão de “O Esplendor do Melodrama” e das suas respetivas “Histórias do Cinema”. Mário Jorge Torres fará uma breve apresentação no início de cada uma das sessões.

► Segunda-feira [2] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

YOSHIWARA

de Max Ophuls

com Pierre-Richard Wilm, Michiko Tanaka, Sessue Hayakawa

França, 1937 – 88 min / legendado eletronicamente em português | M/12

sessão apresentada por Mário Jorge Torres

Com a chegada dos nazis ao poder, Max Ophuls deixou a Alemanha e, até partir para os Estados Unidos em 1939, realizou oito filmes em França, um na Itália e um na Holanda. YOSHIWARA é um dos menos conhecidos destes filmes. Trata-se de um melodrama “exótico”, ambientado no bairro da prostituição em Tóquio. Em 1890, uma mulher de origem nobre é forçada a trabalhar como gueixa para sustentar a família. Apaixonado por ela, um homem que puxa um riquexó tenta reunir a quantia de dinheiro necessária para resgatá-la, mas ao perceber que ela está apaixonada por um tenente russo denuncia-os. Michele Mancini, um dos admiradores do filme, menciona entre as características do estilo de Ophuls visíveis em YOSHIWARA “a ilusão, a circularidade, o gosto pelas máquinas e os artifícios teatrais e a extraordinária *féerie* visual de algumas passagens”.

► Terça-feira [3] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

I'VE ALWAYS LOVED YOU

Sempre Gostei de Ti

de Frank Borzage

com Philip Dorn, Catherine McLeod, Maria Ouspenskaya

Estados Unidos, 1948 – 117 min / legendado eletronicamente em português | M/12

sessão apresentada por Mário Jorge Torres

Um espantoso melodrama a cores, realizado por um dos mestres absolutos do género, sobre a paixão não correspondida de uma jovem por um grande pianista (Philip Dorn é “dobrado” ao piano por Arthur Rubinstein). Mas, como indica o título, a chama deste amor permanece através do tempo. O surpreendente final, em que o par “comunica” à distância, quase por telepatia, sublima as regras do género. João Bénard da Costa escreveu que “quem ficar enfeitiçado por este filme extremo, só pode ir de surpresa em surpresa, de êxtase em êxtase, até ao delirante final e amar este filme de excessos, portentoso vaso comunicante de uma teia infinita de cumplicidades, a mais paroxística e demencial das afirmações da arte de Borzage”.

IMAGEM POR IMAGEM (CINEMA DE ANIMAÇÃO)

A abertura da temporada da rubrica “Imagem por Imagem” é dedicada a um dos polos mais ativos na área do cinema de animação no nosso país. Fora dos centros habituais de produção, o Cine Clube de Avanca, além de organizar os Encontros Internacionais de Cinema, Vídeo, TV e Multimédia – um acontecimento regular que ocorreu em julho passado pela vigésima terceira vez, e que tem incluído a passagem pelo nosso país de alguns nomes muito influentes da animação internacional –, tem uma atividade regular de produção que inclui a ficção e o documentário mas está, também ela, muito centrada na animação. Depois de, nesta rubrica, termos já exibido outras obras de autores portugueses fundamentais produzidas por Avanca, esta é uma chamada de atenção para o próprio Cine Clube, mostrando filmes ainda inéditos nas nossas salas e homenageando a entidade na presença do seu dirigente (professor, realizador, produtor e diretor histórico dos “Encontros”) António Costa Valente.

► Segunda-feira [2] 18:30 | Sala Luís de Pina

A ANIMAÇÃO DO CINE-CLUBE DE AVANCA

UM GATO SEM NOME

de Carlos Cruz
Portugal, 2009 – 15 min

CONTO DO VENTO

de Cláudio Jordão, Nelson Martins
Portugal, 2010 – 12 min

A RIA, A ÁGUA, O HOMEM

de Manuel Matos Barbosa
Portugal, 2010 – 5 min

A MULHER SOMBRA

de Joana Imaginário
Portugal, 2011 – 7 min

15 BILHÕES DE FATIAS DE DEUS

de Cláudio Jordão
Portugal, 2012 – 9 min

LÁGRIMAS DE UM PALHAÇO

de Cláudio Sá
Portugal, 2012 – 6 min

FOI O FIO

de Patrícia Figueiredo
Portugal, 2014 – 5 min

A MINHA CASINHA

de Maria Raquel Atalaia
Portugal, 2014 – 7 min

NAVEGAR

de Carlos Silva, Pedro Carvalho de Almeida
Portugal, 2014 – 5 min

SENDAS

de Raquel Felgueiras
Portugal, 2016 – 6 min

RODAR

de Moisés Rodrigues
Portugal, 2018 – 2 min

duração total da projeção: 79 min | M/6

com a presença de António Costa Valente

Onze filmes produzidos em nove anos, de 2009 a 2018, exprimem o trabalho contínuo que o Cine Clube de Avanca tem efetuado no cinema de animação. Se lhe juntarmos o facto de os filmes desta sessão serem dirigidos por doze realizadores diferentes (com várias correalizações, o programa só repete o nome de Cláudio Jordão) percebe-se mais uma vez através deles a dinâmica que esta área do cinema está a ter entre nós e a dinâmica particular que lhe tem sido inculcida pela entidade dirigida por António Costa Valente, também ele cineasta e autor de vários filmes de animação. O programa, bastante diversificado nas propostas temáticas e estéticas que apresenta, inclui títulos de jovens realizadores que dão os primeiros passos no cinema de animação – e que têm encontrado em Avanca o espaço ideal para os dar –, mas também obras de veteranos, como Manuel Matos Barbosa, um histórico do cinema amador que mais recentemente adaptou as suas extraordinárias qualidades de desenhador ao filme de animação. Todos são primeiras exposições na Cinemateca.

ANTE-ESTREIAS

Recentemente apresentado no Curtas Vila do Conde, o novo filme de Francisco Valente chama-se LISBOA, 2018 e é mostrado com FLORES e PAST PERFECT de Jorge Jácome, respetivamente estreados no IndieLisboa 2017 e na Berlinale 2019. Numa segunda sessão, dá-se a ver um conjunto de trabalhos de escola, concluídos no contexto do curso de cinema organizado pela associação cultural Cine-Reactor 24i.

► Quinta-feira [5] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

LISBOA, 2018

de Francisco Valente
com Beatriz Brás, Sérgio Coragem
Portugal, 2019 – 20 min

FLORES

de Jorge Jácome
com André Andrade, Pedro Rosa, Gabriel Desplanque, Jorge Jácome
Portugal, 2017 – 26 min / legendado em inglês

PAST PERFECT

de Jorge Jácome
Portugal, 2019 – 23 min
duração total da projeção: 69 min | M/12

com a presença de Francisco Valente e Jorge Jácome

LISBOA, 2018 é o filme de uma noite na cidade, presente nos sons exteriores do apartamento lisboeta em que um jovem casal se prepara para uma separação forçada pela viagem de ida que a rapariga tem marcada na manhã seguinte. O quotidiano dessa última noite mostra a cumplicidade do casal refletindo o retrato de uma geração que não tem a vida facilitada – “Amor, medo e ansiedade. [...] O amor de uma jovem relação tenta sobreviver a uma noite quente no meio de um presente turbulento e das tensões trazidas por um mundo de futuro incerto.” Centrado nas personagens de dois soldados, FLORES põe em cena uma crise natural provocada por uma praga de hortênsias nos Açores, cuja população é forçada a abandonar as ilhas. “O filme assume uma reflexão nostálgica e política sobre território e identidade, bem como sobre o papel que assumimos nos lugares aos quais pertencemos.” Partindo da peça de teatro *Antes*, de Pedro Penim, PAST PERFECT propõe uma digressão pela natureza da melancolia que revisita a História e é marcada pela dimensão íntima do texto *off* de dois narradores.

► Terça-feira [10] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

FILMES DE ESCOLA CINE-REACTOR 24I

SOM, CÂMARA... AMOR

de Elisabete Fradique
com Custódia Gallego, Ricardo Carriço, Margarida Bakker, Nélson Monforte
Portugal, 2017 – 12 min

A PROCURA

de Daniel Castro
com Tiago Nogueira, Miguel Linares, Elena Rudakova, Rui Manuel
Portugal, 2018 – 27 min

A MORDAÇA

de António Sanganha
com Sandra Silva, Manuela Paraíso
Portugal, 2018 – 10 min

HORIZONTES

de Rui Caetano
com Carla Chambel, Teresa Macedo, Nélson Monforte
Portugal, 2018 – 30 min
duração total da projeção: 79 min | M/12

com a presença das equipas e dos atores

As quatro curtas-metragens de ficção resultam de uma seleção dos trabalhos produzidos nas edições de 2017 e 2018 do curso Geral de Cinema organizado pela associação cultural Cine-Reactor 24i, no contexto da qual foi criado em 2005. SOM, CÂMARA... AMOR centra-se na história de um casal. A PROCURA segue o encontro inesperado de um tipo que encontra casualmente três personagens que o fazem pensar na própria vida. A sinopse de A MORDAÇA descreve o filme referindo “O corpo, a voz, o silêncio e o grito silencioso, o corpo restringido. E o tempo...” A história de HORIZONTES detém-se num momento de crise conjugal perturbado pela intervenção de um terceiro elemento.

HOMENAGEM A ROBERT KRAMER

em colaboração com o Doc's Kingdom 2019

O Doc's Kingdom – Seminário Internacional de Cinema Documental decorre entre 1 e 6 de setembro em Arcos de Valdevez, reunindo como habitualmente uma comunidade internacional para um encontro intensivo de sessões e debates com os cineastas convidados. Este ano, em que o tema é “Floresta de signos”, o seminário homenageia ainda Robert Kramer (1939-1999) por ocasião do 20º aniversário da sua morte, homenagem a que a Cinemateca se associa ao apresentar ROUTE ONE/USA (1989) também em Lisboa. Sucedendo a DOC'S KINGDOM (1988), o filme que lhe serve de preâmbulo, ROUTE ONE/USA é muito provavelmente a obra-prima do cineasta, cujo trabalho a Cinemateca revelou na íntegra em 2000 no âmbito de uma extensa retrospectiva.

► Sábado [7] 21:00 | Sala M. Félix Ribeiro
► atenção ao horário

ROUTE ONE/USA

de Robert Kramer
com Paul McIsaac

Estados Unidos, 1989 – 255 min / legendado eletronicamente em português | M/12

com a presença de Erika Kramer

Como escreveu Robert Kramer: “ROUTE ONE/USA (...) era uma autêntica viagem e numa verdadeira viagem o ponto de chegada não é conhecido.” Da fronteira do Canadá a Miami, em percurso de Norte a Sul pela zona leste dos Estados Unidos. É este o périplo, ao longo da “Estrada nº1”, que Robert Kramer segue naquele que foi o seu primeiro filme rodado na América depois de um exílio voluntário de mais de dez anos. Estranheza (a estranheza que marca a própria relação de Kramer com os EUA) e familiaridade numa obra que não está longe de ser um “fresco” sobre a vida quotidiana americana, as suas contradições, a sua diversidade interna, cujo protagonista é mais uma vez Doc, a personagem central de DOC'S KINGDOM (1988) e uma espécie de alter ego do cineasta. Para muitos, é o “magnum opus” de Robert Kramer. A apresentar em cópia digital.

HISTÓRIA PERMANENTE DO CINEMA PORTUGUÊS

Reabrimos a “História Permanente...” com um regresso a Leitão de Barros, cruzando dois motivos próximos. Por um lado, ALA-ARRIBA!, estreado no São Luiz há quase exatamente 77 anos (a 15 de setembro de 1942) é um dos filmes marcantes dos inícios da década que aqui estamos agora a visitar, e um título que, não tendo estado propriamente ausente destas salas, teve uma única exibição na Cinemateca depois de 2006 quando, há dois anos, foi projetado no contexto dos “filmes portugueses legendados” em línguas estrangeiras. Por outro, neste mesmo mês de setembro é editada uma biografia do realizador que não pode senão suscitar um redobrado interesse naquele que ocupou lugar destacadíssimo em toda a primeira metade da nossa cinematografia. *Leitão de Barros, a biografia roubada*, de Joana Leitão de Barros e Ana Mantero (ambas netas do realizador) terá uma sessão de lançamento na Cinemateca, na Livraria Linha de Sombra, no próprio dia desta sessão, no que constituirá portanto uma dupla iniciativa de evocação do autor e de proposta de reflexão sobre ele.

► Sexta-feira [13] 18:30 | Sala Luís de Pina

ALA-ARRIBA!

de José Leitão de Barros
com Domingues Gonçalves, Elsa Bela-Flor, Luís Pinto, Madalena Vilaça, Maria Olguim, e os pescadores da Póvoa do Varzim
Portugal, 1942 – 84 min | M/12

Aposta forte do autor e do próprio contexto estatal da época (este foi um filme em que António Ferro se empenhou especialmente depois da relativa desilusão que terá tido com a falta de grande

impacto público de obras de propaganda política ostensiva como A REVOLUÇÃO DE MAIO ou o FEITIÇO DO IMPÉRIO, voltando-se aqui para o campo folclórico e etnográfico tão no centro da atividade do SPN por si dirigido), ALA-ARRIBA! é normalmente visto como a conclusão da “trilogia do mar” de Leitão de Barros, depois das obras que este tinha dedicado ao tema nos finais do cinema mudo (NAZARÉ, PRAIA DE PESCADORES, de 1929, e MARIA DO MAR, de 1930). Filmando agora mais a norte (na Póvoa de Varzim), o tema, o propósito e o enredo ficcional quase fazem dele um *remake* de MARIA DO MAR, não seja a vontade de levar todos os pressupostos do antecedente ainda mais longe: onde no primeiro a relação amorosa enfrenta um choque de famílias incidental, agora o pano de fundo é mesmo uma história de castas na comunidade piscatória; onde no primeiro se aproveita exemplarmente o enquadramento e a iconografia da Nazaré, tudo, agora, escava nas tradições da Póvoa e nos seus rituais do mar e da morte (o que João Bénard da Costa chamou uma “figuração do luto”), acentuando-se ainda mais o propósito realista da filmagem e o recurso aos não-atores locais (todos os protagonistas o são e em todo o elenco só intervieram dois profissionais). Um dos grandes exemplos da força plástica de Leitão de Barros, que o regime levou à Bienal de Veneza (a última em tempo de Mussolini), onde ganhou a Taça Volpi.

INADJECTIVÁVEL

“entre tantas, tantas outras coisas de beleza inadjectivável”
(João Bénard da Costa)

▶ Sexta-feira [13] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro

CASABLANCA

Casablanca
de Michael Curtiz

com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman, Claude Rains, Paul Henreid,
Peter Lorre, Sidney Greenstreet

Estados Unidos, 1943 – 102 min / legendado eletronicamente em português | M/12

CASABLANCA é um dos mais famosos filmes de sempre, o que deu a Ingrid Bergman Humphrey Bogart por par e a todos a ideia de “para sempre, Paris”. São eles o casal que um dia por lá se perdeu no começo da Segunda Guerra Mundial e se reencontra fugazmente em Casablanca, a encruzilhada dos que procuram alcançar a liberdade. “Se Casablanca já é um prodígio de concisão e de *timing* durante o primeiro quarto de hora (em que somos apresentados a todos quantos não arriscam muito a pele ou a arriscam mas não mexem na nossa), o filme só ‘pega fogo’ quando Ingrid Bergman entra no Rick’s Bar e Sam para de tocar e olha para ela. Nunca o olhar de Ingrid foi tão desarmado, tão quente, tão húmido como quando pediu que ele tocasse (não ‘again’ mas simplesmente tocasse) o *As Time Goes By*. Nunca o olhar de Bogart foi tão cerrado, tão frio, tão seco, como quando, ouvindo a música e não vendo Ingrid, disse: ‘*Sam, I thought I told you never to play...*’” (João Bénard da Costa).

O QUE QUERO VER

por sugestão dos espectadores

▶ Terça-feira [17] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro

I WAS A MALE WAR BRIDE

Fizeram-me Passar por Mulher
de Howard Hawks

com Cary Grant, Ann Sheridan, Marion Marshall

Estados Unidos, 1949 – 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Possivelmente em nenhuma das suas outras comédias Hawks terá ido tão longe no jogo da guerra dos sexos e nas inversões de papéis das personagens. Na Alemanha derrotada depois da Segunda Guerra Mundial, um oficial do exército francês, casado com uma oficial americana, tenta sair com ela para os EUA. Para isso é obrigado a disfarçar-se de mulher. Cary Grant no mais irresistível travesti do cinema clássico. A apresentar em cópia digital.

COM A LINHA DE SOMBRA

Ruy Guerra: *Paixão Escancarada* é o título da biografia de Ruy Guerra por Vavy Pacheco Borges (edição brasileira da Boitempo, 2017). O livro apresenta-se como uma obra que restitui “o itinerário de vida e de trabalho de Ruy Guerra, o cineasta *outsider* no Cinema Novo”, olhando-o na confluência conjuntural de convulsões políticas, sociais e culturais das realidades moçambicana, parisiense e brasileira que marcam o seu percurso. “O bom da memória é que ela nos deixa mentir sem faltar com a verdade”, é a citação de Ruy Guerra em epígrafe do livro que a autora lança em Portugal, na livraria Linha de Sombra no dia 24 de setembro, pelas 19h45. O livro será apresentado por Catarina Simão e conta com a presença da autora. No mesmo dia, a sessão das 18h30 propõe O HOMEM QUE MATOU JOHN WAYNE (Bruno Laet, Diogo Oliveira, 2016), um retrato de Ruy Guerra, filmado na sua cumplicidade.

▶ Terça-feira [24] 18:30 | Sala Luís de Pina

O HOMEM QUE MATOU JOHN WAYNE

de Bruno Laet, Diogo Oliveira
com Ruy Guerra

Brasil, 2016 – 70 min | M/12

com a presença de Diogo Oliveira e Vavy Borges

Um retrato de Ruy Guerra, em que este evoca memórias da sua vida e obra como realizador, ator, poeta e compositor, e em que também imagina um encontro fatal com John Wayne. O HOMEM QUE MATOU JOHN WAYNE combina materiais de natureza diversa e diferentes registos que passam por cenas de ficção, excertos de títulos importantes da obra do realizador moçambicano radicado no Brasil, material de arquivo, os testemunhos do próprio Ruy Guerra e de cúmplices do seu trabalho como Chico Buarque de Holanda (com quem compôs canções e de quem adaptou ao cinema o romance *O Estorvo*), Michel Ciment, Werner Herzog (de quem foi ator em *AGUIRRE*) ou, em imagens de arquivo, Gabriel Garcia Márquez (autor que igualmente adaptou ao cinema). Produzido por Vavy Pacheco Borges, autora da biografia de Ruy Guerra, *Ruy Guerra: Paixão Escancarada*. Primeira exibição em Portugal.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SMALL CINEMAS

Uma sessão organizada em colaboração com a 10ª Conferência Internacional dedicada ao tema “Small Cinemas”, que este ano tem lugar em Portugal no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, entre 25 e 27 de setembro, subordinado ao tema “Small Cinemas, Small Spaces”. Neste contexto apresenta-se CÃES SEM COLEIRA, filme de Rosa Coutinho Cabral centrado na realidade do cinema ambulante em Portugal.

▶ Quinta-feira [26] 18:30 | Sala Luís de Pina

CÃES SEM COLEIRA

de Rosa Coutinho Cabral

com Camacho Costa, João Cabral, Helena Laureano, Laurinda Ferreira,
Marcelo Urgeghe, António Feliciano

Portugal, 1996 – 66 min / legendado em inglês | M/12

com a presença de Rosa Coutinho Cabral,
projeção seguida de debate

Um filme em que o cinema surge como objeto e matéria. Em CÃES SEM COLEIRA Rosa Coutinho Cabral refaz a biografia de António Feliciano, um dos últimos projeccionistas ambulantes do país, misturando os registos documental e ficcional. Este é assim o ponto de partida para um olhar sobre o cinema português e sobre uma época marcada por um forte declínio da exibição cinematográfica, filtrado pelos olhos de um homem que passou uma vida a mostrar imagens aos outros.

CINEMA NA ESPLANADA

As oito projeções 35 mm ao ar livre nas noites de sexta-feira e sábado de setembro na Cinemateca propõem filmes programados nos Ciclos dedicados a Jennifer Jones e ao cinema de Weimar. O ecrã da Esplanada em noites de fim de verão projeta assim duas obras maiores dos anos trinta do século XX alemão, clássicos da Hollywood das décadas seguintes e títulos europeus protagonizados pela estrela americana.

▶ Sexta-feira [6] 22:30 | Esplanada

CLUNY BROWN

O Pecado de Cluny Brown

de Ernst Lubitsch

com Jennifer Jones, Charles Boyer, Richard Haydn, Peter Lawford

Estados Unidos, 1946 – 100 min / legendado em português | M/12

Ver entrada em “Centenário de Jennifer Jones”.

▶ Sábado [7] 22:30 | Esplanada

DUEL IN THE SUN

Duelo ao Sol

de King Vidor

com Gregory Peck, Jennifer Jones, Joseph Cotten, Lionel Barrymore,
Lillian Gish, Harry Carey

Estados Unidos, 1946 – 129 min / legendado em português | M/12

Ver entrada em “Centenário de Jennifer Jones”.

▶ Sexta-feira [13] 22:30 | Esplanada

MADAME BOVARY

Madame Bovary

de Vincente Minnelli

com Jennifer Jones, Van Heflin, James Mason, Louis Jourdan

Estados Unidos, 1949 – 114 min / legendado em português | M/12

Ver entrada em “Centenário de Jennifer Jones”.

▶ Sábado [14] 22:30 | Esplanada

WE WERE STRANGERS

de John Huston

com John Garfield, Jennifer Jones, Pedro Armendariz,
Gilbert Roland, Ramon Novarro

Estados Unidos, 1949 – 106 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ver entrada em “Centenário de Jennifer Jones”.

▶ Sexta-feira [20] 22:30 | Esplanada

M

Matou!

de Fritz Lang

com Peter Lorre, Ellen Widmann, Gustav Gründgens, Otto Wernicke

Alemanha, 1931 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ver entrada em “Luz e Espectros – Cinema de Weimar 1919-1933”.

▶ Sábado [21] 22:30 | Esplanada

TENDER IS THE NIGHT

Terna é a Noite

de Henry King

com Jennifer Jones, Jason Robards Jr., Joan Fontaine, Tom Ewell, Paul Lukas

Estados Unidos, 1961 – 146 min / legendado em espanhol e eletronicamente em português | M/12

Ver entrada em “Centenário de Jennifer Jones”.

▶ Sexta-feira [27] 22:30 | Esplanada

DER BLAUE ENGEL

O Anjo Azul

de Josef von Sternberg

com Marlene Dietrich, Emil Jannings, Kurt Gerron, Hans Albers

Alemanha, 1930 – 110 min / legendado em português | M/12

Ver entrada em “Luz e Espectros – Cinema de Weimar 1919-1933”.

▶ Sábado [28] 22:30 | Esplanada

STAZIONE TERMINI

Estação Terminus

de Vittorio De Sica

com Jennifer Jones, Montgomery Clift, Gino Cervi, Richard De Beymer

Itália, 1954 – 87 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ver entrada em “Centenário de Jennifer Jones”.

2 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CENTENÁRIO DE JENNIFER JONES

CLUNY BROWN
Ernst Lubitsch

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | IMAGEM POR IMAGEM (CINEMA DE ANIMAÇÃO)

A ANIMAÇÃO DO CINE-CLUBE DE AVANCA
Programa de filmes produzidos pelo Cine-club de Avanca
vários realizadores

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | MELODRAMAS / HISTÓRIAS DO CINEMA,
POST-SCRIPTUM

YOSHIWARA
Max Ophuls

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

LIMELIGHT
Charles Chaplin

3 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CENTENÁRIO DE JENNIFER JONES

DUEL IN THE SUN
King Vidor

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

LIMELIGHT
Charles Chaplin

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | MELODRAMAS / HISTÓRIAS DO CINEMA,
POST-SCRIPTUM

I'VE ALWAYS LOVED YOU
Frank Borzage

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

DAS KABINETT DES DR. CALIGARI
O Gabinete do Doutor Caligari
Robert Wiene

4 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CENTENÁRIO DE JENNIFER JONES

MADAME BOVARY
Vincente Minnelli

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

OPIUM
Robert Reinert

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

ERROS MEUS
Jorge Cramez
LES VISITEURS DU SOIR
Marcel Carné

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

KUHLE WAMPE ODER WEM GEHÖRT DIE WELT?
“Barrigas Geladas ou A Quem Pertence o Mundo?”
Slatan Dudow

5 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CENTENÁRIO DE JENNIFER JONES

WE WERE STRANGERS
John Huston

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

O ESCRITOR PRODIGIOSO
Joana Pontes
SINAIS DE VIDA – BREVE SUMÁRIO DA VIDA E DA
OBRA DE JORGE DE SENA
Luís Filipe Rocha

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

SCHATTEN
“Sombras”
Arthur Robison

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIAS

LISBOA, 2018
Francisco Valente
FLORES
PAST PERFECT
Jorge Jácome

6 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CENTENÁRIO DE JENNIFER JONES

TENDER IS THE NIGHT
Henry King

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

VON CALIGARI ZU HITLER: DAS DEUTSCHE KINO IM
ZEITALTER DER MASSEN
“De Caligari a Hitler: o Cinema Alemão na Era das
Massas”
Rüdiger Suchsland

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

MIRACOLO A MILANO
Vittorio De Sica

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

NOSFERATU, EINE SYMPHONIE DES GRAUENS
“Nosferatu, o Vampiro”
Friedrich Wilhelm Murnau

22H30 | ESPLANADA | CINEMA NA ESPLANADA
CENTENÁRIO DE JENNIFER JONES

CLUNY BROWN
Ernst Lubitsch

7 SÁBADO

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR

SUPERMAN
Richard Donner

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL

L'INNOCENTE
Luchino Visconti
SE EU FOSSE LADRÃO... ROUBAVA
Paulo Rocha

21H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO – ATENÇÃO AO HORÁRIO
HOMENAGEM A ROBERT KRAMER

ROUTE ONE/USA
Robert Kramer

22H30 | ESPLANADA | CINEMA NA ESPLANADA
CENTENÁRIO DE JENNIFER JONES

DUEL IN THE SUN
King Vidor

9 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CENTENÁRIO DE JENNIFER JONES

STAZIONE TERMINI
Vittorio De Sica

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

IM AUTO DURCH ZWEI WELTEN
“De Automóvel pelo Mundo”
Clärenore Stinnes, Carl-Axel Söderström

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

LA BELLE ET LA BÊTE
Jean Cocteau, René Clément

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

SYLVESTER ODER TRAGÖDIE EINER NACHT
A Noite de São Silvestre
Lupu Pick

10 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

MIRACOLO A MILANO
Vittorio De Sica

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

SUNSET BOULEVARD
Billy Wilder

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

DAS TESTAMENT DES DR. MABUSE
O Testamento do Doutor Mabuse
Fritz Lang

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIAS

SOM, CÂMARA... AMOR
Elisabete Fradique
A PROCURA
Daniel Castro
A MORDAÇA
António Sanganha
HORIZONTES
Rui Caetano

11 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

SUNSET BOULEVARD
Billy Wilder

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

IM AUTO DURCH ZWEI WELTEN
“De Automóvel pelo Mundo”
Clärenore Stinnes, Carl-Axel Söderström

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

PASAZERKA
“A Passageira”
Andrzej Munk

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

HEIMKEHR
O Canto do Prisioneiro
Joe May

12 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

LA BELLE ET LA BÊTE
Jean Cocteau, René Clément

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

ALEXANDERPLATZ ÜBERRUMPLET (fragmento)
“Alexanderplatz de Relance”
Peter Pewas
LOHNBUCHHALTER KREMKE
“O Contabilista Kremke”
Marie Harder

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

OS SALTEADORES
Abi Feijó
MACBETH
Orson Welles

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

DER LETZTE MANN
O Último dos Homens
Friedrich Wilhelm Murnau

13 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

ERROS MEUS
Jorge Cramez
LES VISITEURS DU SOIR
Marcel Carné

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | HISTÓRIA PERMANENTE DO CINEMA PORTUGUÊS

ALA-ARRIBA!
José Leitão de Barros

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

SINAIS DE FOGO
Luís Filipe Rocha

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INADJECTIVÁVEL

CASABLANCA
Michael Curtiz

22H30 | ESPLANADA | CINEMA NA ESPLANADA
CENTENÁRIO DE JENNIFER JONES

MADAME BOVARY
Vincente Minnelli

14 SÁBADO

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR

SPIDER-MAN
Sam Raimi

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL

DESTINATION UNKNOWN
ONE WAY PASSAGE
Tay Garnett

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

M
Fritz Lang

22H30 | ESPLANADA | CINEMA NA ESPLANADA
CENTENÁRIO DE JENNIFER JONES

WE WERE STRANGERS
John Huston

16 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ

OS SALTEADORES
Abi Feijó
MACBETH
Orson Welles

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO – ATENÇÃO AO HORÁRIO
JORGE DE SENA E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN EM
CORRESPONDÊNCIA – JORGE DE SENA, CENDRADA LUZ / SOPHIA DE
MELLO BREYNER ANDRESEN: SIRVO PARA QUE AS COISAS SE VEJAM

CORRESPONDÊNCIAS
Rita Azevedo Gomes

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

RAZZIA IN ST. PAULI
“Rusga em St. Pauli”
Werner Hochbaum

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN:
SIRVO PARA QUE AS COISAS SE VEJAM

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
João César Monteiro
O CONSTRUTOR DE ANJOS
Luís Noronha da Costa

17 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

RAZZIA IN ST. PAULI
“Rusga em St. Pauli”
Werner Hochbaum

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

MORGEN BEGINNT DAS LEBEN
“A Vida Começa Amanhã”
Werner Hochbaum

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O QUE QUERO VER

I WAS A MALE WAR BRIDE
Howard Hawks

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LUZ E ESPECTROS
– CINEMA DE WEIMAR 1919-1933

DIE STRASSE
“A Rua”
Karl Grune

18 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN:
SIRVO PARA QUE AS COISAS SE VEJAM

STROMBOLI TERRA DI DIO
Roberto Rossellini

